



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Maria Aimée Laupman Ferraz Mutti

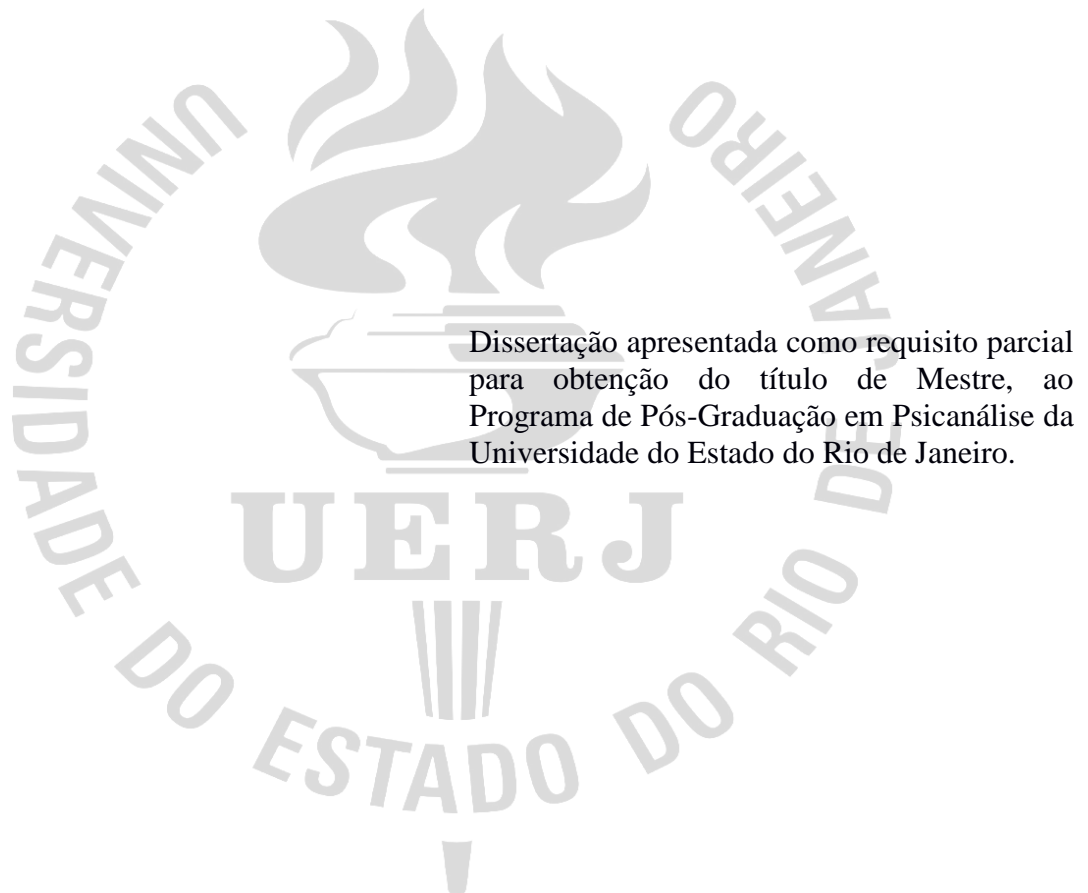
A transferência e a posição do analista na clínica com adolescentes

Rio de Janeiro

2013

Maria Aimée Laupman Ferraz Mutti

A transferência e a posição do analista na clínica com adolescentes



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Ana Maria Medeiros da Costa

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M993	Mutti, Maria Aimée Laupman Ferraz. A transferência e a posição do analista na clinica com adolescentes
/ Maria	Aimée Laupman Ferraz Mutti. – 2013. 73f.
Janeiro.	Orientadora: Ana Maria Medeiros da Costa. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Instituto de Psicologia.
	1. Psicanálise do adolescente – Teses. 2. Desejo – Teses. 3. Transferência (Psicologia) – Teses. I. Costa, Ana Maria Medeiros da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III Título.
mf	CDU 159.9-053.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Maria Aimée Laupman Ferraz Mutti

A transferência e a posição do analista na clínica com adolescentes

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 25 de fevereiro de 2013.

Banca Examinadora:

Prof.^ª Dra. Ana Maria Medeiros da Costa (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dra. Rita Maria Manso de Barros
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof. Dr. Edson Guimarães Saggese
Instituto de Psiquiatria - UFRJ- IPUB

Rio de Janeiro

2013

DEDICATÓRIA

*Para Carolina,
que me trouxe um
novo sentido da vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda equipe que organiza o Programa de Pós Graduação em Psicanálise da UERJ.

Agradeço a todos os professores que contribuíram com excelência para o meus estudos.

Agradeço aos colegas de mestrado, em especial a minha querida amiga Ligia Mendonça, por todas as discussões enriquecedoras nos nossos cafés.

Agradeço à professora Rita Manso, por ter aceitado o convite para participar da banca examinadora e pelas importantes ponderações.

Agradeço com muito carinho ao professor Edson Saggese, por participar da banca examinadora e por me ensinar, por todos esses anos, a clínica com adolescentes.

Agradeço à minha orientadora professora Ana Costa que me orientou sempre com muita delicadeza. Gostaria de registrar a minha admiração em sua forma de guiar o trabalho com os alunos na transmissão da psicanálise.

Agradeço ao César Ibrahim, por ter me mostrado, com tanta beleza, o próprio ofício.

Agradeço a toda querida equipe do Proadolescer, por estar junto neste belo trabalho. Por todas as discussões enriquecedoras.

Agradeço às minhas amigas psicanalistas que estão sempre dispostas a contribuir e dialogar.

Agradeço à minha família, por me acompanhar em toda minha trajetória.

Agradeço em especial aos meus irmãos, por todo nosso amor.

Agradeço aos meus sobrinhos Matheus, Inah e Julia, pela alegria de estar juntos.

Agradeço aos meus pais, por terem me ensinado a base da vida e por estarem sempre ao meu lado.

Agradeço ao meu marido, por todos os momentos em que esteve ao meu lado me protegendo e me transmitindo o seu amor.

Agradeço à minha filha, por ter vindo ao mundo.

RESUMO

FERRAZ, M. A. L. *A transferência e a posição do analista na clínica com adolescentes*. 2013. 78f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

A presente pesquisa se iniciou a partir da observação sobre a importância da relação transferencial na clínica com adolescentes. Esta dissertação desenvolve uma reflexão sobre a transferência e a posição do analista na clínica com adolescentes. Procura tocar em pontos importantes desta clínica levando em consideração as transformações sociais e psíquicas que envolvem esse momento da adolescência. A pesquisa se fundamenta na teoria de Freud e no ensino de Lacan como de outros autores psicanalistas. Tendo como base esses teóricos, privilegia o conceito de transferência. A transferência, como instrumento operador da experiência analítica, tem como suporte o Sujeito suposto Saber que articula a falta estrutural do sujeito ao desejo através do amor transferencial. Sustentado pelo desejo do analista, o psicanalista se oferece como objeto para o sujeito adolescente ir ao encontro do seu próprio desejo. Destacando a interseção entre teoria e clínica, foram selecionados fragmentos clínicos para elucidação de alguns pontos considerados.

Palavras-chave: Transferência. Adolescência. Posição do analista. Desejo.

RÉSUMÉ

FERRAZ, M.A.L. *Le transfert et la position de l'analyste dans la clinique avec des adolescents*. 2013. 78f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

La présente recherche a commencé à partir de l'observation de l'importance du transfert dans la clinique avec des adolescents. Cette thèse recherche développe une réflexion sur le transfert et la position de l'analyste dans la clinique avec des adolescents. Nous cherchons relever les points importants de cette clinique en prenant en compte les transformations sociales et psychiques qui impliquent cette période de l'adolescence. La recherche est fondée sur la théorie de Freud et de Lacan, comme aussi d'autres auteurs psychanalystes. A partir de ces théoriciens, on met l'accent sur la notion de transfert. Le transfert, en tant qu'opérateur de l'expérience analytique, prend en charge le Sujet Supposé Savoir qui articule le manque structurel du sujet au désir à travers de l'amour de transfert. Soutenu par le désir de l'analyste, le psychanalyste se propose comme objet pour le sujet adolescent répondre à son propre désir. Mise en évidence l'intersection entre la théorie et la pratique, certains fragments cliniques ont été sélectionnés pour élucider les points considérés.

Mots-clés : Transfert. Adolescence. Position de l'analyste. Désir.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
1	UMA APRESENTAÇÃO DA TRANSFERÊNCIA EM PSICANÁLISE.....	14
1.1	Considerações iniciais em Freud e Lacan.....	14
1.2	Freud e os impasses da transferência.....	20
1.3	A transferência em Lacan: o saber e o amor.....	26
1.4	A posição do analista.....	30
2	A TRANSFERÊNCIA E A CLÍNICA DA ADOLESCÊNCIA.....	34
2.1	O adolescer e o corpo.....	38
2.2	A transferência e a pergunta sobre o feminino.....	48
2.3	A transferência e a pergunta sobre o masculino.....	57
	CONCLUSÃO.....	66
	REFERÊNCIAS.....	69

INTRODUÇÃO

A vida é tão bela que chega a dar medo.

Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas esse medo fascinante e fremente de curiosidade
que faz o jovem felino seguir para a frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta (...)

Adolescente, olha! A vida é nova...
A vida é nova e anda nua
– vestida apenas com o teu desejo!

(Mario Quintana)¹

O estudo da psicanálise deixa claro que a clínica psicanalítica desde o seu nascimento está marcada pela transferência. Apesar das mudanças ocorridas no mundo desde os tempos em que Sigmund Freud criou a psicanálise, o cerne da clínica continua sendo a relação transferencial.

O conceito psicanalítico de *transferência* indica o investimento afetivo do analisando dirigido ao analista motivado pelo saber que este o supõe. Nesta direção cria-se a relação transferencial, que funciona tanto como uma força impulsora do tratamento, quanto como uma resistência ao mesmo. De uma forma ou de outra, esta relação guia o andamento de uma análise.

A proposta desta dissertação de mestrado é pensar como o laço transferencial se estabelece no atendimento de adolescentes. Como a instalação da transferência permite e, ao mesmo tempo, resiste nas questões da adolescência. A escolha pelo período da adolescência se deu por ser um período decisivo e crucial na vida de todo sujeito.

Como marca o poeta Mario Quintana a chegada da adolescência para um sujeito não acontece sem algumas transformações físicas e emocionais que causam um *medo fascinante e fremente de curiosidade*. Convocado a responder de um lugar diferente do já experimentado, o adolescente *segue para frente* almejando conquistar o desconhecido e ameaçador mundo

¹ Transcrição de parte do poema *O adolescente*, de Mario Quintana (1906-1994).

adulto. Trata-se de um sujeito no início do processo de constituição, confrontado com o desejo e a tarefa de definir seu lugar no mundo a partir de suas escolhas e identificações.

O trabalho do analista na clínica do sujeito adolescente o leva a deparar-se com alguns impasses clínicos. As inúmeras e vorazes indagações surgidas no período da adolescência são direcionadas para a figura do analista. O analista entra inicialmente na série de mais uma figura identificatória para o jovem. Em um momento de transição onde se faz necessário o desligamento das figuras parentais para o ingresso no mundo adulto, o jovem tende inicialmente a colocar o analista numa posição de responder a uma intensidade de perguntas. O psicanalista, por muitas vezes, torna-se o referencial para o jovem que está em um momento de confusão.

Evitar esta cilada da transferência proporciona a continuação do trabalho analítico ao recolocar o adolescente diante de suas questões, convocando-o a falar sobre o seu desejo. Esta tarefa é muito delicada, pois este sujeito encontra-se em um período de transformações. Então falar sobre si não será, na maioria das vezes, algo fácil. Assim, a condução da análise deve ser feita respeitando o tempo desses jovens.

Outro ponto importante que se coloca nesta clínica é a atenção aos pais desses jovens. Por muitas vezes são eles que procuram o analista para que seus filhos façam análise. Junto a esse pedido vêm inúmeras súplicas de que haja uma mudança no comportamento do adolescente. É preciso separar a demanda dos pais, sem ignorá-la, da demanda do próprio sujeito adolescente para dar início a um trabalho analítico.

Meu interesse pela clínica com adolescentes iniciou em 2004, quando comecei a Especialização em Saúde Mental da Infância e Adolescência no Instituto de Psiquiatria da UFRJ – IPUB. No decorrer do curso, tive a oportunidade de acompanhar, no programa de atendimentos aos adolescentes em grave sofrimento psíquico, diversos casos em que se percebiam as questões próprias da adolescência junto ao desencadeamento de alguns quadros clínicos. A voracidade com que os jovens se dirigiam aos profissionais de saúde me inquietava: Como lidar com esses jovens? O que faz parte do processo da adolescência, o que pertence à doença deste jovem e o que tem a ver com a história deste sujeito? Como receber esses sofridos pais sem permitir que eles invadam o espaço do adolescente?

Este programa do IPUB utiliza a psicanálise para entender o surgimento da crise no período da adolescência voltando-se para a singularidade de cada caso, como também, possui uma visão direcionada para família a fim de abranger as questões que surgem em cada atendimento. O trabalho é realizado por uma equipe composta por psicanalistas, psiquiatras e terapeutas de família.

Ao mesmo tempo em que ingressava na Especialização da UFRJ me matriculava também na Especialização em Psicanálise e Saúde Mental na Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Desta forma pude aprofundar meus estudos associando a clínica psicanalítica com a teoria, o que a meu ver, é fundamental na prática da psicanálise.

Dando continuidade a minha experiência na clínica com adolescentes, fui convidada pelo professor Edson Saggese para participar da pesquisa *Proadolesc*,² que surgiu a partir do programa de atendimentos aos adolescentes em grave sofrimento psíquico, coordenado também por ele. A pesquisa está em andamento até a presente data.

Ao atender muitos jovens por diferentes períodos de suas vidas, meu interesse pela clínica psicanalítica com adolescentes foi aumentando. Não só no ambulatório público como também em meu consultório, o trabalho com esses jovens foi suscitando questões que envolviam tanto alguns conceitos próprios da psicanálise quanto as diferenças ou particularidades desta clínica. O conceito de transferência e suas vicissitudes na prática clínica foi o que mais me provocou interesse.

Assim, esta dissertação pretende abordar alguns impasses destes atendimentos, tomando a relação transferencial como eixo. Não se trata aqui de elaborar uma explicação sobre atendimento de adolescentes, muito menos de receitas para atendê-los, mas sim, de interrogar e estudar os embaraços e questões que se colocam neste trabalho.

Para transitar sobre o tema da transferência e da posição do analista na clínica com adolescentes exploro alguns conceitos psicanalíticos nas obras de Freud e Lacan, assim como em textos produzidos por alguns leitores dessas obras. Para articular no final da dissertação apresento dois casos clínicos: um atendido no consultório e o outro atendido no âmbito do programa *Proadolesc*.

A presente dissertação está dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo, apresento brevemente o conceito preliminar de transferência em Freud e Lacan a partir de alguns textos dos autores privilegiando a cronologia e a importância destes.

Faço uma pequena passagem pelo caso clínico de Anna O., atendida pelo Dr. Joseph Breuer, a fim de demonstrar o início da percepção freudiana do fenômeno transferencial. Percorro alguns conceitos de Freud tais como a repetição na clínica, a partir de textos do

² O *Proadolesc* – Programa Ambulatorial para Adolescentes de Risco – é um programa de assistência e pesquisa, criado há 20 anos no Serviço Infante-Juvenil do Instituto de Psiquiatria da UFRJ, voltado para adolescentes em grave sofrimento psíquico. Suas intervenções clínicas são planejadas e executadas a partir de contribuições da psicanálise, da psiquiatria e da terapia de família, sem deixar de lado a atenção aos aspectos reabilitativos e sociais. Esses recursos são empregados de forma integrada, visando impedir a entrada desses jovens num processo de cronificação que os conduza a internações ou outras formas de isolamento social.

autor, como também de textos de Jacques Lacan. Enfatizo a questão do amor de transferência, pivô fundamental ao tema.

Em seguida, exponho um recorte do caso da jovem Dora, clássico da psicanálise, para discutir alguns impasses do processo transferencial incluindo determinadas questões que envolvem o tema da transferência no atendimento de adolescentes.

A seguir, abordo o assunto da transferência em Lacan a partir da relação entre o amor e o saber. Exponho a leitura lacaniana do texto de Platão, *O Banquete*, para discorrer sobre o amor transferencial, destacando alguns conceitos de sua teoria, como o de Sujeito Suposto ao Saber e o de desejo do analista. Finalizo este capítulo trazendo o tema da posição do analista na clínica psicanalítica e as especificidades desta posição na clínica com adolescentes.

No segundo capítulo apresento alguns pontos sobre a transferência e a clínica da adolescência. Para abordar os temas que envolvem esta clínica, pontuo as vicissitudes sofridas pelas transformações sociais, físicas e psíquicas deste período da adolescência. Para isso percorro alguns conceitos freudianos e lacanianos como Complexo de Édipo e Estádio do Espelho. Abordo a questão do adolecer e o corpo trazendo as alterações físicas que ocorrem com os jovens nesta ocasião e a repercussão psíquica destas mudanças corporais.

No final deste tópico exponho uma leitura do texto *O despertar da primavera* de Frank Wedekind (1891) a fim de elucidar, através da exposição de partes da peça, algumas questões da adolescência trazidas pelos jovens. Utilizo o texto do Lacan sobre a peça - *Prefácio a O despertar da primavera* (1974), e o comentário da psicanalista Sonia Alberti em seu livro *Esse sujeito adolescente* (2009).

No tópico seguinte abordo dois casos clínicos com os quais pretendo demonstrar ligações entre a teoria da psicanálise e a clínica com adolescentes.

O primeiro é um caso atendido no consultório, de uma jovem de 16 anos, em que a transferência aparece sob a forma de resistência. Transito pelas questões do feminino tanto em Freud quanto em Lacan, como também em outros autores psicanalistas. Retomo um fragmento do caso Dora a fim de ressaltar a questão do feminino. Exponho o quadro das “fórmulas quânticas da sexuação” teorizado por Lacan no *Seminário livro 20 Mais, ainda* (1972-73), ao reinterpretar a proposição freudiana, e reformular a diferença entre a posição feminina e masculina frente ao sexo.

O segundo caso abordado foi atendido no programa de pesquisa Proadolecer. Diz respeito a um adolescente de 15 anos, no qual a relação transferencial aparece inicialmente sob a forma de agressividade. No desenrolar deste caso privilegio o tema do masculino trazendo questões que envolvem os conceitos de função paterna e identificação. Para isso

retomo alguns conceitos freudianos e lacanianos já trabalhados como Complexo de Édipo e Estádio do Espelho. Articulo esses temas com a relação transferencial desenvolvida neste atendimento.

Termino esta dissertação buscando expor alguns pontos importantes sobre a clínica com adolescentes, sobretudo a questão da relação transferencial nesta clínica.

Ao longo da dissertação apresento vinhetas clínicas de pacientes atendidos por mim, no consultório e também no IPUB- UFRJ, a fim de articular a teoria psicanalítica.

A escolha pelo tema da transferência na clínica com adolescentes ocorreu devido às questões suscitadas por esta, que me provocaram o intuito de pensar sobre o trabalho do analista ao assumir uma postura ética diante do sofrimento psíquico desses jovens. A importância do estudo sobre a questão transferencial e a posição do analista na clínica parece clara para profissionais que se deparam com esses jovens sujeitos em um momento tão importante de vida.

1 UMA APRESENTAÇÃO DA TRANSFERÊNCIA EM PSICANÁLISE

1.1 Considerações iniciais em Freud e Lacan

A transferência é um dos conceitos fundamentais construídos por Freud ao longo de sua obra. Podemos considerá-lo um ponto de partida para a invenção da teoria psicanalítica. Freud alerta para a importância do fenômeno transferencial, como também para o seu manejo, acreditando que este constitui uma das grandes dificuldades a serem enfrentadas pelos analistas.

Em 1888, Freud emprega, primeiramente, o termo *transferência* em um artigo sobre histeria para o dicionário médico de Villaret. Usa o termo ao descrever a mudança de um sintoma de um lado para outro do corpo em uma paciente histérica. Neste sentido, a transferência denota o movimento de deslocamento e de passagem do sintoma. (KAUFMAN, 1996). Anos mais tarde, em 1917, Freud situa a transferência como um fenômeno que ocorre habitualmente na vida das pessoas, ou seja, toda pessoa dirige investimentos *libidinais* a outra. A transferência tem a ver com esse deslocamento da libido, dirigindo o estabelecimento das relações entre as pessoas. Assim, podemos dizer que a transferência é uma característica universal, não sendo exclusiva à clínica psicanalítica.

A palavra alemã *Übertragung*, que além de transferência significa também transmissão, receberá o sentido psicanalítico em *Estudos sobre a histeria* (1895). Freud a descreve então como uma falsa ligação que envolve o analista na análise de um analisando. Neste processo, o analisando reedita, na relação com o analista, sentimentos e conflitos já vivenciados por ele. A libido é investida na figura do analista, o que transforma a neurose do sujeito em *neurose de transferência*. O analisando presentifica na transferência sua neurose originária.

É o amor transferencial que irá marcar a peculiaridade do processo analítico. Isso acontece na articulação da transferência com a forma como a demanda de amor será acolhida, dirigida, tratada e desmontada no decorrer do percurso de análise.

Freud, ao constatar a importância deste fenômeno clínico, assinala o seu caráter perturbador uma vez que a transferência tem a ver com o amor, com a demanda de ser amado. Amar inclui o desejo de ser amado pelo outro. Inclui as perguntas: o que eu necessito para ser amado? O que o outro quer de mim?

No *Seminário, livro I: os escritos técnicos de Freud* (1953-54), Lacan afirma que, no texto *Observações sobre o amor transferencial* (1915), Freud não se esquivava de chamar a transferência de amor. Identifica que o amor de transferência experimentado pelo analisando é uma repetição, já que este investe na figura do analista um laço construído primariamente. E observa que o analista precisa reconhecer que o enamoramento do analisando é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa. É uma reedição de sentimentos passados agora colocado na figura do analista.

Essa observação de Freud nos faz lembrar o caso clínico de Anna O., atendida por Josef Breuer em um momento anterior à invenção da psicanálise. Breuer, médico vienense e amigo de Freud, atendeu no ano de 1880 uma jovem de 21 anos chamada Bertha Pappenheim. A paciente recebeu o nome fictício de Anna O. no texto *Estudos sobre a histeria* (1895), onde mais tarde este caso foi publicado.

Anna O. apresentava inúmeros sintomas histéricos que incluíam desde oscilação do humor até graves perturbações na visão e na linguagem. Quando foi recebida por Breuer para o tratamento pela sugestão hipnótica, deu início ao que a própria paciente chamou de *cura pela conversa*.

Após dois anos, Anna O. apresentou uma melhora significativa nos seus sintomas, o que fez Breuer resolver pelo término do tratamento. Esta decisão foi tomada não só pela melhora de sua paciente, mas também por perceber que sua esposa sentia excessivo ciúme desta relação profissional. No mesmo dia em que Breuer comunicou esta decisão a Anna O., foi chamado com urgência e a encontrou em estado de crise confusional. Apresentava sintomas de gravidez (pseudociese) e vivenciava estar em trabalho de parto de um filho dele. A cena perturbou o médico, que afirmou nunca ter percebido na paciente qualquer interesse sexual. Depois de ter apaziguado o quadro clínico dela, Breuer viajou no dia seguinte com a esposa para Veneza.

Freud, ao observar os impasses que levaram ao fracasso de Breuer no tratamento de Anna O. e investigando os afetos surgidos na relação da paciente com o médico, pode perceber o laço transferencial ali ocorrido.

Voltemos ao texto *Observações sobre o amor transferencial* (1915), onde Freud estabelece que os afetos suscitados na relação da paciente com o analista não estão dirigidos para a pessoa do analista, entretanto apontam para o que ela representa na cena transferencial. Neste mesmo texto, Freud ressalta que não se deve alertar aos analisandos sobre este fenômeno, como também não se deve instigá-los a suprimir, renunciar ou sublimar suas pulsões. Não se deve afastar o amor transferencial e sim trabalhar nele, sem confundir as

relações. Se as demandas de amor do analisando forem retribuídas, isso constituiria em um grande trunfo para ele, mas uma derrota completa para a continuação do tratamento analítico. O analisando teria obtido êxito em atuar (*acting-out*) e em repetir, atuando na análise o que apenas deveria ser lembrado, reproduzido como material e mantido dentro da esfera dos eventos psíquicos.

Por estes motivos, é tão desastroso para a análise que o anseio do analisando por amor seja tanto satisfeito, quanto suprimido. De acordo com Freud, o caminho que o analista deve seguir não é nenhum desses dois; é um caminho para o qual não existem modelos, e que dependerá de cada situação transferencial. O analista precisa ter cautela para não afastar o amor de transferência ou repeli-lo. Deve tratá-lo como algo dentro da relação transferencial, que precisa passar para o trabalho de análise a fim de desmontar os elementos que aprisionam o fluxo do inconsciente.

Instigar a paciente a suprimir, renunciar ou sublimar suas pulsões, no momento em que ela admitiu sua transferência erótica, seria, não uma maneira analítica de lidar com eles, mas uma maneira insensata. Seria como se, após invocar um espírito dos infernos, mediante astutos encantamentos, devêssemos, mandá-lo de volta para baixo, sem lhe haver feito uma única pergunta. Ter-se-ia trazido o recalco à consciência, apenas para recalá-lo mais uma vez, num susto. (FREUD, 1915, p.213)

No ano de 1900, em *A interpretação dos sonhos*, Freud define a transferência a partir da análise dos sonhos. O termo aparece de um modo diferente, é empregado como transferência de intensidade. Aponta para a utilização que o desejo inconsciente faz das representações alheias a ele (restos diurnos), a fim de manifestar-se. Ou seja, o desejo inconsciente se expressa ao se deslocar do material recalco para uma representação possível de se tornar consciente. A transferência possibilita o deslocamento de representações, o que facilita a manifestação do conteúdo inconsciente. Através do estudo dos sonhos, Freud estabelece o caráter de repetição, ao marcar que ocorre uma repetição do material inconsciente que insiste em se fazer representar na consciência. Então, a transferência e a repetição no trabalho onírico são complementares, uma vez que a primeira é suporte e meio de acesso ao material inconsciente.

Em 1912, no texto *A dinâmica da transferência*, Freud aborda a transferência como a resistência mais poderosa ao tratamento, ainda que imprescindível para sua continuidade. Procura discernir a transferência positiva da transferência negativa. Afirma que a positiva se caracteriza pela transferência de sentimentos amistosos ou afetuosos, o que possibilita a continuidade do processo analítico. E a negativa refere-se à transferência de sentimentos

hostis, os quais dificultam o trabalho. No entanto, a transferência negativa e a positiva podem constituir tanto o motor quanto o maior obstáculo ao tratamento. O que ora move o tratamento, pode em outro momento ser um grande obstáculo, uma resistência.

Na clínica vemos que tanto os sentimentos agressivos quanto os amorosos podem dar seguimento ou impedir o andamento do processo analítico. Em alguns casos a agressividade pode, na análise de um mesmo paciente, ser o que move e em outro momento, ser a própria barreira. Lembro-me de uma analisanda que em uma sessão garantiu: “Eu estou com tanta raiva que hoje quero falar tudo o que estou pensando. Vai me escutando aí! E vê se diz alguma coisa certa”. De uma maneira agressiva ela se dirige a analista lhe garantindo a regra fundamental do trabalho, ou seja, ela garante que naquele dia a sua agressividade irá mover a sua fala.

Após alguns meses trabalhando em análise, a mesma paciente chega a uma sessão muito abalada por um acontecimento triste em sua vida. Entra na sala e de uma forma muito enérgica, diz: “Eu não aguento mais vir aqui e ficar olhando para essa sua cara. Você fica aí sentada com essa perna cruzada e esse olho verde... e eu aqui tendo que falar. É o trabalho mais fácil do mundo! Hoje eu não vou falar com você”. Ela se levanta, dá um chute no divã e vai embora chorando. Por questões do próprio processo analítico desta paciente, entendo como sua analista, que nesta sessão, ela estava impossibilitada de dar continuidade a sua fala.

Penso sobre o que esta analisanda já havia me falado no momento inicial e interrogo-me sobre a alusão feita a imagem da analista - perna cruzada e olho verde. O que fez figura naquela ocasião? De acordo com Lacan o analista faz semblante de objeto para o analisante. “O analista, (...) mantém esse lugar, no que ele é objeto da transferência” (LACAN, 1964, p.221). Voltaremos a este ponto posteriormente.

Na sessão seguinte, a paciente entra na sala com uma rosa na mão e me diz: “Uma relação é igual uma rosa: bonita, mas tem espinhos também”. Deita-se no divã e começa a falar sobre sua tristeza pelo acontecido em sua vida.

Assim, notamos as nuances de uma relação transferencial a qual não podemos, a meu ver, classificá-la apenas como positiva ou negativa. Durante o processo analítico ocorre uma variação de sentimentos que podem ou não interferir na regra de associação livre, fundamental ao andamento da análise. Esta interferência tem relação com a as repetições e com as particularidades da vida de cada sujeito.

É no texto *Recordar, repetir e elaborar* (1914) que Freud conceitua a repetição com mais precisão em sua relação com a transferência e a resistência. Enfatiza o aspecto da repetição na transferência ao afirmar que a própria transferência é um fragmento de repetição.

Freud distingue a recordação da repetição, estabelecendo que a recordação associa-se à fala e a repetição ao material inconsciente. Ele define a repetição na transferência como uma forma de recordar em ato. O trabalho na transferência poderá viabilizar o fim da compulsão à repetição e transformá-la em um motivo para recordar.

O texto *Além do princípio do prazer* (1920) é considerado como um marco importante no percurso teórico-clínico freudiano. Debruçado sobre as questões do trauma e da compulsão à repetição, Freud cria o conceito de pulsão de morte. Não ingressarei aqui neste tema, apenas destacarei que é a própria repetição que vai servir para fundamentar este conceito de pulsão de morte.

Freud inicia o texto de 1920 relacionando os sentimentos de prazer e desprazer com a quantidade de excitação experimentada. Percebe alguns fenômenos que anteriormente escapavam ao escopo de sua reflexão, como a ideia de que, apesar de a vida psíquica ser regida pela tendência a buscar o prazer, e evitar o desprazer, existem fenômenos que estariam para *além* do princípio do prazer. Este *além* do princípio se expressa, sobretudo, através da compulsão à repetição, conceito ilustrado por Freud ao descrever a brincadeira, aparentemente ingênua, de seu neto de um ano e meio de idade.

Ao observar o menino, que dizia apenas algumas palavras e pronunciava determinados sons, brincar com o carretel, Freud notou que se tratava de um jogo. Quando arremessava o carretel, o menino emitia o som *Fort*, o que traduzindo do alemão significa “ir embora” (FREUD, 1920, p. 26) e o carretel desaparecia atrás da cortina. Ao puxar o brinquedo por meio do cordão, a criança saudava o seu reaparecimento com a palavra *Da*, que significa “ali”. Esse ato era por diversas vezes repetido, o qual marcava a brincadeira pelo desaparecimento e pelo retorno. Segundo Freud:

A interpretação do jogo tornou-se então óbvia. Ele se relacionava à grande realização cultural da criança, a renúncia pulsional (isto é, a renúncia à satisfação pulsional) que efetuara ao deixar a mãe ir embora sem protestar. Compensava-se por isso, por assim dizer, encenando ele próprio o desaparecimento e a volta dos objetos que se encontrava ao seu alcance. (...) Como, então, a repetição dessa experiência aflitiva, enquanto jogo, harmonizava-se com o princípio do prazer? Talvez se possa responder que a partida dela tinha de ser encenada como preliminar necessária a seu alegre retorno, e que neste último residia o verdadeiro propósito do jogo. (FREUD, 1920, p.27)

A criança foi capaz de repetir a experiência desagradável do afastamento da mãe na brincadeira, porque o movimento de repetição trazia consigo uma produção do sentimento de prazer. Quando ela passa da passividade da experiência para a atividade do jogo, ela consegue transferir a sensação desagradável para o próprio brinquedo e dessa maneira vinga-se em um

substituto materno. “Isso constitui prova convincente de que, mesmo sob a dominância do princípio do prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente” (FREUD, 1920, p.29).

Freud, ainda neste texto de 1920, debruçado sobre o tema da compulsão à repetição, retoma a questão da relação entre a repetição e a transferência. Aponta para a repetição do analisando como algo vivido por ele como se fosse uma experiência contemporânea e não como uma recordação do passado. As reproduções destas experiências são atuadas na esfera da relação transferencial.

Os pacientes repetem na transferência todas essas situações indesejadas e emoções penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade. Procuram ocasionar a interrupção do tratamento enquanto este ainda se acha incompleto; imaginam sentir-se desprezados mais uma vez, obrigam o médico a falar-lhes severamente e a tratá-los friamente; descobrem objetos apropriados para seus ciúmes; em vez do nenê apaixonadamente desejado de sua infância, produzem um plano ou a promessa de um grande presente. (FREUD, 1920, p.35)

Lacan, no *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, (1964) separa o conceito de repetição do conceito de transferência ao apontar que a transferência não se reduz à repetição. A repetição é algo que está velado na análise, uma vez que na transferência ocorre apenas a repetição a partir de um fragmento. Lacan se apropria do vocabulário de Aristóteles ao usar os termos *autômaton* e *tiquê* para pensar o conceito de repetição.

O *autômaton* é a repetição associada à rede de significantes, e representa o retorno da insistência dos signos que pertencem à cadeia significativa. Por não poderem ser reconhecidos pelo sujeito, eles retornam no real sob a forma de atos. Reaparecem nas formações do inconsciente, nos sonhos, atos falhos e nos sintomas. Ele se caracteriza pelo automatismo inconsciente da cadeia de significantes, marcando, sob a dominância do princípio do prazer, o retorno insistente dos signos.

De acordo com Maurano:

será pelo trabalho na transferência que se poderá travar o automatismo da repetição, de modo que a análise possibilite que a repetição aumente a intensidade do fluxo do acaso, abrindo espaço para o imprevisto. Assim, o reencontro do real traumático abre a possibilidade de uma nova solução. É aí que a *tiquê* se faz presente. O analista sustenta esse reencontro, viabilizando meios de transfiguração do horror que o trauma suscita, via pela qual o sujeito tem chance de suportá-lo. (MAURANO, 2006, p.28).

A *tiquê* é marcada pelo encontro com o real. É caracterizada por um mais- além desse automatismo. Não se trata de uma repetição da conduta, mas uma repetição de algo sempre faltoso associado ao inassimilável na forma de trauma que resiste a qualquer significação.

De acordo com Lacan, o importante é ressaltar no conceito de repetição o encontro sempre faltoso, uma vez que existe um ponto de ocultamento constitutivo na estrutura do sujeito. A repetição não é reprodução, nem recordação, muito menos o retorno dos signos.

(...) não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida. A repetição é algo que, em sua verdadeira natureza, está sempre velado na análise, por causa da identificação da repetição com a transferência na conceitualização dos analistas. (LACAN, 1964, p.56)

É, portanto, esse encontro com a falta, que será trabalhado na transferência. O que se repete na transferência é sempre algo novo que se produz ali, na relação entre analista e analisante. A relação transferencial articula-se com a aposta do sujeito de que existe um saber que virá dar conta da falta.

1.2 Freud e os impasses da transferência

Diante dos importantes casos analisados e publicados por Freud, tomaremos o caso Dora para elucidar os impasses que a transferência pode trazer para a clínica. Este caso traz à tona o tema da clínica com adolescentes como também ressalta a questão transferencial desde o início, na medida em que Freud faz questionamentos acerca do tratamento. O que são transferências na clínica psicanalítica?

São as novas edições, ou fac-símiles, dos impulsos e fantasias que são criados e se tornam conscientes durante o andamento da análise; possuem, entretanto, esta particularidade que é característica de sua espécie: substituem uma figura anterior pela figura do médico. Em outras palavras: é renovada toda uma série de experiências psicológicas, não como pertencentes ao passado, mas aplicada à pessoa do médico no momento presente. (FREUD, 1905a, p. 113).

O atendimento da adolescente Dora fez Freud aprofundar o conceito de transferência e ao mesmo tempo, o levou a avançar em sua teoria sobre a sexualidade. Aqui discorrerei

apenas sobre as vertentes da transferência e da resistência, não pretendendo fazer uma descrição detalhada do caso clínico de Dora.

Antes de começar a mencionar a relação transferencial entre a analisanda e o seu analista, marcarei uma questão importante quando se trata de atendimentos com adolescentes: a família. A passagem da dependência infantil à separação dos pais que marca a adolescência só pode acontecer numa relação entre o jovem e a sociedade em sua volta, sendo a família a parte central desta sociedade. A família do adolescente “ocupa um lugar ambíguo, ora representando ela mesma o indivíduo para o conjunto social, ora apresentando-se como o círculo menor do qual o indivíduo deve separar-se”. (SAGGESE, 2001, p. 63)

O período da adolescência traz consigo uma vasta gama de transformações capazes de desestabilizar toda a família. Diante da tarefa de abandonar o lugar de criança e para passar a responder em nome próprio, o adolescente é convocado a ressignificar as relações já estabelecidas com os pais. Em muitos casos, essa tarefa é atravessada por um movimento de forte agressividade por parte do adolescente, como uma espécie de preparação para uma possível separação. Afinal, o jovem precisa separar-se dos protetores pais da infância, a partir do reconhecimento de que eles não estão à altura de suas idealizações, e inserir-se no desconhecido e ameaçador mundo adulto. No próximo capítulo irei abordar mais profundamente este tema.

A família de Dora era composta por ela, que tinha 16 anos, por seus pais e um irmão um ano e meio mais velho do que ela. O pai era a figura dominante da família dado a sua inteligência e seu caráter. Era um homem de atividade e talento bastante incomuns, grande industrial bem sucedido. Dora era afetivamente muito ligada a ele. Isto se intensificou ao longo dos anos devido a inúmeras doenças sofridas por seu pai.

A mãe de Dora era descrita como uma mulher inculta e acima de tudo fútil, que havia concentrado todos os seus anos somente em interesses domésticos. A relação entre a adolescente e sua mãe era inamistosa. A filha tratava a mãe com superioridade e costumava criticá-la de modo impiedoso. Dora inicialmente admirava seu irmão e desejava ser parecida com ele. Após alguns anos, seu irmão começou a defender sua mãe nas brigas familiares e Dora logo foi se afastando. Freud pontua que as relações eram claramente estabelecidas caracterizando uma aproximação maior entre pai e filha de um lado e mãe e filho de outro.

Logo de início Freud conheceu o pai de Dora, pois este estava doente e foi se consultar com ele. De acordo com Freud, o pai de Dora, quatro anos mais tarde, o procurou para tratar de sua filha em virtude da boa intervenção por ele realizada. Deste modo, podemos marcar

que nesse primeiro encontro já foi estabelecido o começo de uma relação transferencial entre o pai de Dora e Freud. A análise de Dora foi iniciada por demanda do seu pai.

É muito freqüente esse contato com os pais no momento inicial do atendimento de adolescentes. Acolher a demanda dos pais – sem, contudo, responder a ela fazendo o que desejam – e estabelecer uma relação transferencial pode ser determinante para que o filho compareça às sessões, tendo em vista que, em muitos aspectos, são ainda os pais quem respondem pelos adolescentes. Em muitos casos, essa presença dos pais é fundamental para o adolescente poder desempenhar o processo de separação sabendo que os pais estão ao seu lado e que a separação deles é uma questão de escolha. No entanto, é preciso que a demanda dos pais dê lugar a uma demanda do adolescente, para que o analista possa esperar que algo do desejo deste sujeito tome lugar na análise.

É neste caso clínico de Dora que Freud reconhece nitidamente que o analista – e não apenas o analisando – participa da transferência. Podemos dizer que não só o analista e o analisando, mas também é preciso traçar uma relação transferencial com os pais do adolescente. Como já foi mencionado, Freud estabelece uma relação transferencial com o pai da analisanda para depois ter contato com Dora.

Freud aponta, pela primeira vez nos escritos sobre o caso de Dora, a importância da transferência como um fator fundamental ao processo analítico. Ela se destina a constituir a maior barreira em uma análise como resistência, porém pode se tornar a maior aliada para o avanço do processo.

Dez anos depois de atender Dora, no *Pós-escrito* acrescentado ao final do texto, Freud reconhece que não conduziu bem a transferência nessa análise, o que provocou o término prematuro do tratamento. A análise durou apenas três meses, sendo interrompida pela analisanda.

Freud, até o estudo posterior deste caso, afirmava que a resistência estava somente do lado do analisando. Depois de perceber que a análise não avançou por uma limitação de sua escuta, verificou que a resistência também pode estar do lado do analista. A dupla polaridade da identificação masculina e feminina existente na estrutura histórica fez com que Freud fosse desviado de sua escuta.

Em uma nota de rodapé no *Pós-escrito* (FREUD, 1905a, p. 116), Freud considera que não pôde apreciar a tempo o laço homossexual que unia Dora a Sra. K.. O que realmente escapou à compreensão dele, segundo Serge André (1987), foi a *homossexualização* do desejo de Dora, ligada aos desvios das identificações pelas quais ela precisou passar para interrogar sua própria feminilidade. A identificação de Dora era masculina, por um lado, na medida em que

ela se identificava ao Sr. K. e ao seu pai para contemplar a Sra. K.. E feminina, por outro lado, na medida em que ela desejava ser amada pelo Sr. K. e pelo seu pai à maneira pela qual a Sra. K. era amada.

Portanto, a Sra. K. era o objeto do desejo de Dora, uma vez que era o objeto do desejo do Sr. K., como também do seu pai. O Sr. K. somente tinha valor para Dora na medida em que aparecesse desejando a Sra. K.. Dora afirma que gostaria de ser amada por um homem, como a Sra. K. é amada por seu marido e principalmente, por seu pai. Assim, percebemos que a Sra. K. encarna para Dora o suplemento de uma feminilidade da qual ela se sente em falta. A Sra. K. representa para Dora a resposta de seu enigma sobre a mulher.

Em seu artigo *Intervenção sobre a transferência* (1951), Lacan levanta alguns pontos sobre a questão transferencial no caso Dora. Estabelece de início, que a análise se desenrola na relação de sujeito a sujeito, onde o sujeito propriamente dito constitui-se a partir de sua fala e na presença do analista. Lacan, ao pensar na natureza da transferência, afirma que a psicanálise é uma experiência dialética. Assim, desdobra o caso Dora sob a forma de três *inversões dialéticas*,³ como as operações da interpretação do analista.

Uma primeira inversão, de acordo com a leitura lacaniana, se dá quando Freud questiona a postura vitimizada de Dora ao tornar-se cúmplice do relacionamento de seu pai com a Sra. K.. Dora sustentava a relação entre os dois amantes a fim de que os galanteios do Sr. K. continuassem a seu favor. Ela não estava numa posição de vítima, pelo contrário: objetivava desfrutar da atenção e dos presentes dados pelo Sr. K.. Lacan recoloca a pergunta: por que subitamente Dora manifesta ciúmes diante da relação amorosa de seu pai?

A segunda inversão traz a resposta. Dora, claramente, tinha uma ligação amorosa com seu pai, mas o verdadeiro motivo pelo sentimento de ciúmes era o deslumbramento pela Sra. K.. Dora era intimamente ligada a ela. Ouvia suas confidências com muito valor e atenção. Freud interroga sobre qual era o verdadeiro motivo de tamanha lealdade, pois ao falar da amante de seu pai, Dora não se posicionava como uma rival e também não expressava agressividade. Pelo contrário, costumava tecer inúmeros elogios a Sra. K..

Lacan situa a terceira inversão dialética ao afirmar o verdadeiro objeto de Dora. Como já mencionado, a Sra. K. era para Dora o mistério de sua própria feminilidade. Se Freud tivesse orientado Dora para este reconhecimento do que significava a Sra. K., a análise poderia ter tomado outro rumo. Lacan constata que a dificuldade em se deparar com a

³ Este texto foi escrito em uma época em que Lacan estava envolvido com a temática da intersubjetividade. A questão da dialética aparece aí marcando um momento anterior àquele em que Lacan formula a heterogeneidade entre analista e analisando.

tendência homossexual de sua paciente deve-se a um preconceito de Freud. Isto fez com que sua escuta fosse desviada e a interpretação da trama se voltasse para o amor de Dora pelo Sr. K.. Assinalamos, aqui, que a resistência foi de Freud. E o efeito desta resistência foi o abandono inesperado do tratamento.

Seguindo essa linha do embaraço de Freud em escutar sua paciente, podemos ainda pensar que o desvio da escuta do analista também se deu por Dora ser uma jovem iniciando em sua posição sexual.

No atendimento de adolescentes, a transferência ganha sua especificidade. O adolescente, ao se engajar no tratamento, convida o analista a encarnar posições maternas, paternas e até mesmo de cúmplice frente aos pais e à sociedade. Conta com o analista para aliviar o seu sofrimento e pede para este se posicionar diante das suas questões. “Você pode dizer para os meus pais que eu já estou pronta para viajar sozinha? Eu vim aqui para isso”, afirma uma jovem nas primeiras sessões de sua análise.

Para Rassial (1999) o analista deve aceitar que um dia vai ter que ser rejeitado pelo adolescente. Diferencia da rejeição do paciente adulto ao afirmar que o adolescente põe em jogo o analista, desde o início, como alguém que possui ou não capacidade para ouvi-lo. Transfere para o analista o estilo adolescente de “tudo ou nada”, forçando o analista a responder de sua posição.

A adolescente Dora procura em Freud a resposta sobre suas questões. Pergunta sobre a mulher, sobre a feminilidade através da relação transferencial analítica com Freud. Como Freud não acolheu a questão singular da analisanda e apontou para outro lugar, ela interrompe bruscamente a análise. Abandona a análise e rompe a relação que para ela não fazia mais sentido.

No texto *Inibições, sintomas e angústia* (1926), Freud observa que, na medida em que o tratamento avança, o analista se depara com resistências do analisando. Adverte que o analista deverá combater, no processo analítico, cinco espécies de resistências que emanam de três direções – o eu, o isso e o supereu.

O eu é a fonte de três destas resistências, que diferem em sua natureza dinâmica. A primeira delas é a resistência do recalçamento. O eu precisa tornar segura sua ação defensiva por um dispêndio de energia permanente devido ao fato da pulsão ser uma força contínua. A segunda resistência é a da transferência. Ela pode provocar resistência à continuação do tratamento quando o analisando repete, na figura do analista, vivências de relações antigas. Ou seja, reedita na relação com o analista um sentimento já experimentado.

A terceira resistência do eu está associada ao ganho secundário do sintoma. É uma resistência que defende o sintoma como formação de compromisso entre o inconsciente e o eu. Ela representa uma não disposição de renúncia ao prazer obtido, que conduz a uma incorporação do sintoma. Dessa forma, o analisando não apresenta interesse em se desfazer do sintoma.

Em *Análise terminável e interminável* (1937), Freud aponta para a presença no psiquismo de uma força radical de interferência ao tratamento, que impede a fala do analisando e assim a sua recuperação. Associa esta força à pulsão de morte, conceituada por ele no texto *Além do princípio do prazer* (1920), ao assinalar que o funcionamento do aparelho psíquico não é regido exclusivamente pelo prazer. Existe uma força que está para além do princípio do prazer, vinculada à pulsão de morte.

A noção de resistência adquire uma nova dimensão com o conceito de pulsão de morte estabelecendo a segunda tópica freudiana.⁴ Freud associa a resistência do isso, também chamada por ele de resistência do inconsciente, à pulsão de morte. O inconsciente insiste em manifestar-se através da compulsão à repetição. Por dificuldade de elaboração, o analisando repete em ato o conteúdo inconsciente. Esta manifestação também é considerada por Freud como uma forma de resistência.

Lacan conceitua a resistência como sendo sempre do analista, tendo em vista que as resistências do paciente são esperadas enquanto parte do processo. Elas são um fechamento do inconsciente que solicita uma intervenção feita pelo analista, a fim de que possa ocorrer a sua reabertura. Na concepção lacaniana, o desejo do analista é o que vem dar conta das resistências que criam obstáculos ao processo analítico.

No *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (1964), Lacan destaca que o acoplamento do desejo do sujeito ao desejo do analista é o que sustenta o trabalho clínico. De um lado, surge o desejo do analista, como desejo de que haja trabalho analítico, e de outro, o desejo do sujeito. O desejo do analista é justamente o de fazer emergir o desejo do sujeito. É um desejo definido como vazio. Ele está relacionado com a função de analista operante no tratamento. É preciso que o analista ceda em seu próprio desejo no exercício da função. O desejo do analista enquanto sujeito é deixado de lado para ser tomado pelo desejo de que a análise aconteça.

⁴ A fim de esclarecer a economia e a dinâmica das forças pulsionais, Freud introduz o conceito de pulsão de morte em 1920, dando origem à sua segunda tópica.

É por isso que eu digo que o desejo é o eixo, o pivô, o cabo, o martelo, graças ao qual se aplica o elemento-força, a inércia, que por trás do que se formula primeiro, no discurso do paciente, como demanda, isto é, a transferência. O eixo, o ponto comum desse duplo machado, é o desejo do analista, que eu designo aqui como uma função essencial. (LACAN, 1964a, p. 222).

Em um processo de análise, para além da resistência, o que aparece também na transferência é o amor. A afirmação do laço do desejo do analista com o desejo do analisando é produto do amor de transferência.

1.3 A transferência em Lacan: o saber e o amor

Lacan situa a transferência a partir da relação entre amor e saber. No *Seminário, livro 8: a transferência* (1960-61), percorre o texto de Platão, *O Banquete*, para ilustrar o amor de transferência.

Logo de início, Lacan faz uma crítica ao termo intersubjetividade, usado anteriormente por ele. A palavra intersubjetividade é recusada por não se tratar de lugares semelhantes entre o analista e o analisando. Para que aconteça a emergência do inconsciente, é necessário que o analisando coloque o analista inicialmente no lugar de grande Outro. O analista é posto no lugar de quem sabe sobre o sofrimento do sujeito. O analisando se dirige a esse Outro como se ele fosse a garantia de alívio do seu sintoma. Lacan aborda a transferência em sua disparidade subjetiva, ou seja, na relação de diferente natureza entre o analista e o analisando.

Debruçado sobre *O Banquete*, Lacan destaca o laço estabelecido entre Sócrates e Alcebiades para transitar pelas relações entre o amante e o amado, *érastès e érôménos*. Faz uma analogia entre estes dois personagens e a transferência analítica, por existir o amante, que corresponde ao sujeito do desejo a quem algo lhe falta, e o amado, que possui algo que ele mesmo desconhece.

Alcebiades supõe em Sócrates um saber sobre o desejo, colocando-o no lugar daquele que detém o saber sobre o objeto de seu desejo. Dirige-se a Sócrates pela via do amor. Mas Sócrates não responde desse lugar. Situa-se como aquele que não possui o saber, ao assumir uma posição de douda ignorância, por ter conhecimento de que o vazio é constitutivo em sua essência.

Após a declaração de Alcebiades, Sócrates o interpreta, apontando o amor para além dele. Afirma que Alcebiades não o ama, mas ama Agatão. Lacan situa que o valor da dialética

socrática está no momento em que Sócrates designa o amor de Alcebiades como amor de transferência. Ao recusar ser o amado, o desejável, e apontar o desejo para Agatão, ele remete Alcibiades a buscar seu verdadeiro desejo. É na medida em que não sabe o que Sócrates deseja dele, que o desejo do Outro passa a ter valor de enigma para Alcebiades, e que ele passa de amado a amante. Essa questão é semelhante àquela formulada ao Outro, que faz operar uma análise, colocando a transferência como motor do percurso analítico.

Sócrates ocupa a posição de analista no que diz respeito à afirmação do não saber. É desse lugar de hiância que o analista pode manejar a transferência. Lacan aponta para o lugar do analista no *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais* (1964), ao conceituá-lo como Sujeito Suposto Saber. É pela vertente do amor que o sujeito dirige o saber suposto ao analista.

O sujeito entra no jogo, a partir desse suporte fundamental – o sujeito é suposto saber, somente por ser sujeito do desejo. Ora, o que é que se passa? O que se passa é aquilo que chamamos em sua aparição mais comum efeito de transferência. Este efeito é o amor. É claro que, como todo amor, ele só é referenciável, como Freud nos indica, no campo do narcisismo. Amar é, essencialmente, querer ser amado. (LACAN, 1964b, p. 239).

No entanto, para que a relação transferencial se instale, dando início ao processo analítico, é preciso que o analista se despoje de sua imagem narcísica e empreste sua pessoa para ser o suporte do Sujeito Suposto Saber. Quando o sujeito em análise supõe que o analista saiba algo sobre o seu sofrimento e esta suposição de saber é encarnada pelo analista, a transferência encontra-se estabelecida.

No início de uma análise, o sujeito ama o analista por se colocar no lugar de ignorante sobre si e visualizar o analista no nível do ideal do eu, uma vez que, desta forma, ele se sentirá amado. O sujeito constrói sua questão a partir do amor que sente pelo analista. Confia que o analista saberá a cura do seu sintoma. Lacan afirma que no primeiro tempo da transferência:

O sujeito tem uma relação a seu analista cujo centro está no nível desse significante privilegiado que se chama ideal do eu, na medida em que, dali, ele se sentirá tão satisfatório quanto amado. (LACAN, 1964, p.242)

Para Freud, em *Observações sobre o amor transferencial* (1915), esse amor endereçado ao analista consiste em novas edições de antigas características, e se configura a partir de cópias de reações amorosas vividas pelo analisando nas relações primárias. Este amor transferencial diferencia-se de outras formas de amor por ser provocado pela situação

analítica, por ser intensificado pela resistência e por faltar-lhe um alto grau de consideração pela realidade. Ele é menos sensato, menos interessado nas consequências e mais cego nas suas avaliações da escolha da pessoa amada. O analista evoca o amor ao convidar o analisando a falar, a seguir a regra fundamental da psicanálise: associar livremente.

Lacan considera que é o próprio o convite à fala que instaura do Sujeito Suposto Saber, se fazendo presente por essa face do amor de transferência. A intervenção do analista visa operar a queda do sentido ilusório trazido pelo amor e direcionar o analisando para a busca do seu desejo. Isto é possível devido ao analista crer e sustentar o saber inconsciente que irá se produzir no percurso de análise. Logo, a transferência depende, por um lado da posição do sujeito frente ao desejo de saber sobre sua neurose, e por outro, da resposta do analista em seu lugar de objeto causa de desejo.

Aqui aparece uma das especificidades da clínica com os adolescentes, quando percebemos que alguns desses jovens ainda estão completamente alienados ao desejo dos pais. Para se exercerem como sujeitos desejantes precisam se separar minimamente dos pais. O que muitas vezes é uma tarefa árdua, pois eles têm dificuldade nesse processo de separação e os pais também sofrem muito neste momento. “Minha filha está bem. Está voltando a sair com os amigos e até marcou uma viagem nas férias. Acho que agora eu que vou precisar de análise, não estou preparada para este afastamento”, confessa a mãe de uma adolescente para a analista da filha.

Em alguns casos, na análise de adolescentes, a suposição de saber ao analista se torna confusa por essa relação de alienação aos pais. O jovem irá direcionar o saber ao analista ou aos pais? Quem quer ter conhecimento sobre a neurose, o analisando ou os pais?

Melman, ao questionar a capacidade do adolescente em fazer uma transferência com o analista, formula que o jovem ao procurar o analista pretende:

(...) encontrar nele um adulto em que possa confiar. Alguém que não vai ficar lhe fazendo grandes discursos, que será capaz de escutá-lo, de reconhecer seu sofrimento e talvez mesmo, às vezes, de ter uma interpretação que lhe pareça inesperada, ou interessante, ou seja, que lhe permita que se descubra a ele, para ele, todo espaço do inconsciente da qual ele nem sequer tinha idéia. (MELMAN, 2000, p.26).

Na medida em que o tratamento vai acontecendo, cria-se uma aliança entre o analista e o jovem e eles conseguem se afastar um pouco dos pais ao perceber que não precisam temer a perda do seu amor. Neste momento, pode-se dizer que o saber se instaura no analista.

A conceituação de Sujeito Suposto Saber faz Lacan resgatar a proposta freudiana do amor de transferência, articulando-a com a ética da psicanálise. O analista, apoiado em seu desejo de analista, não deve deixar-se enganar por esse efeito de suposição de saber fundamental ao trabalho. Não deve identificar-se ao lugar de saber colocado pelo sujeito, pois sobre esse saber, ele nada sabe. O que cabe a ele é conduzir o tratamento a fim de que o analisando se desloque da posição de desejado para a posição de desejante. Isto somente se torna possível se houver um confronto com a castração, ou seja, é na proporção da renúncia ao falo que o sujeito entra em contato com suas questões.

No *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60), Lacan estabelece que o objetivo ético da análise é deparar-se com o desejo, na medida em que ele aparece numa relação essencial com a castração. Neste sentido, o analista também deve pagar algo para ocupar a sua função. Na condução do tratamento, o analista deve pagar para que a análise siga o seu curso. Ele paga com palavras na medida em que elas têm efeito de interpretação, mas ao mesmo tempo paga com sua pessoa, com a dessubjetivação. Ele se esvazia do seu próprio desejo como sujeito e de sua causa em relação ao desejo do Outro. “Enfim, é preciso que ele pague com um certo julgamento no que diz respeito à ação. A análise é um juízo.” (LACAN, 1959-60, p. 341). A análise é um juízo ético que liga o desejo do analista ao ato.

É apenas pela sustentação do desejo do analista que o analisando poderá destituí-lo da dimensão de grande Outro para colocá-lo cada vez mais na posição de resto. O analista sabe que o que lhe cabe em uma análise é ser objeto em posição de causa. Nesta relação de desejo ao desejo, o analista precisa sair da posição idealizada que o sujeito o coloca para ser o suporte do objeto *a* como separador. Ele toma o lugar de semblante do objeto *a*, oferecendo-se como objeto causa do desejo e fazendo aparecer o sujeito como desejante. Como causa do desejo, o objeto *a* funciona operando a separação. O sujeito se separa ao deixar de estar ligado à vacilação do ser, ao sentido, constituinte da alienação.

Os processos de alienação e de separação são definidos por Lacan no *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964), como operações de causação do sujeito. A alienação se caracteriza por uma tentativa de articular o campo do sujeito e o campo do Outro. Trata-se do *VEL* da primeira operação essencial em que se funda o sujeito. Este *VEL* se define por uma escolha do sujeito que o condena a uma divisão no momento em que ele aparece em algum lugar como sentido produzido pelo significante, e em outro como *afânise*. Veremos esse tema adiante.

1.4 A posição do analista

O desejo do analista é o que o faz manter-se na posição de analista e exercer a sua função. De acordo com Lacan:

(...) possamos talvez definir, e em termos de longitude e de latitude, as coordenadas que o analista deve ser capaz de atingir para, simplesmente, ocupar o lugar que é o seu, o qual se define como aquele que ele deve oferecer vago ao desejo do paciente para que se realize como desejo do Outro. (LACAN, 1992, p.109)

O analista deve oferecer um lugar vazio, ele se posiciona deixando livre o lugar do seu próprio desejo enquanto sujeito do inconsciente. Esse espaço, esse vazio dá lugar para que o desejo do analisando possa surgir na análise como desejo do Outro.

Na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* (1967), Lacan afirma que o desejo do psicanalista é formalizado como luto. Refere-se ao luto do psicanalista como algo que ele encarna para, em sua escuta, mensurar que os objetos do desejo ali presentes são desprovidos de medidas comuns. Eles obtêm um valor para cada sujeito em sua particularidade.

Retornando a Sócrates, Lacan indica a inexistência de um Bem Supremo universal que seria comum a todos os sujeitos. O desejo se apresenta para cada um em sua especificidade, ele não se submete à normatização e também não possui também um caráter de lei universal aspirando um Bem Supremo. O desejo revela uma verdade particular, e o seu compromisso é com o real ao invés de ser com a busca da felicidade voltada para um bem.

O desejo do analista não se baliza por seus desejos pessoais, mas sim pela função que o analista exerce. Trata-se do modo pelo qual o desejo do sujeito inconsciente, em processo de análise pessoal, irá ceder lugar ao desejo do analista. Ou seja, é preciso que o sujeito que se autorize como analista renuncie aos seus desejos no exercício da função de analista.

A função do analista é insistir na condução do tratamento em um para-além da identificação, mantendo uma distância entre o eu ideal, em que o analisando o coloca, e o objeto *a*. Ao presentificar a falta, o analista possibilita a emergência do saber inconsciente. Para isso é preciso que o analista esteja ancorado em seu desejo e se disponha a pagar com seu ser. Deste modo, o desejo do analista surge da travessia do ciclo da sua experiência analítica, que o autoriza a ocupar a função e a posição de analista.

O sujeito ao procurar uma análise se pergunta sobre seu ser – o que eu sou? Este questionamento é fundamental para dar início ao processo de análise, pois é a partir da reinstalação da alienação do sujeito que se estabelece a operação analítica. Esta pergunta sobre o seu ser é direcionada ao analista como saber. O sujeito direciona a sua pergunta ao analista supondo que ele saiba alguma coisa sobre sua essência desejante.

A experiência de análise pode fazer o sujeito oscilar entre a escolha do sentido e a do não- senso. A escolha do não- senso implica na petrificação do sujeito, pois essa escolha vai impossibilitar que a cadeia significante prossiga, ou seja, que um significante possa representar o sujeito para outro significante. A função do analista é, em primeiro lugar, conseguir uma alienação do sujeito em que a escolha não seja, portanto, tomar a via da petrificação.

Lacan, no *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise* (1964), ao discorrer sobre a constituição do sujeito a partir do campo do Outro, coloca a alienação como a operação essencial desde o começo. Demonstra a partir dos *círculos de Euler* (LACAN, 1964, p. 200), essa relação fundamental do sujeito com o Outro.

Círculos de Euler



O primeiro círculo representa o sujeito; o segundo círculo o Outro (A) (sentido) e a interseção, o não-senso. A alienação consiste no *VEL* que condena o sujeito a só aparecer na divisão. Esse *VEL* se define por uma escolha: se ele aparece de um lado como sentido, do outro ele aparece como afânise.

Na alternativa do ser e do sentido, Lacan extrai que na escolha do ser, o sujeito desaparece, escapa, cai no não- senso. Se escolher o sentido, o sentido só subsiste desfalcado

dessa parte de não-senso. Assim, o *VEL* alienante condena o sujeito a essa divisão em que, no momento em que ele aparece em algum lugar como sentido produzido pelo significante, ele se manifesta em outro como afânise, *fading*.

Elucida essa escolha com o exemplo da *bolsa ou a vida* (LACAN, 1964, p.201). Se escolhermos a bolsa, perdemos as duas. Se escolhermos a vida, temos a vida sem a bolsa, ou seja, temos uma vida decepada. Como vimos com este exemplo, não há sujeito sem perda. A alienação é a divisão fundamental constituinte do sujeito ao implicar em uma perda que o estrutura.

O redirecionamento da pergunta do sujeito ao analista só é possível a partir da instalação da transferência, do amor transferencial. A curiosidade em saber sobre o seu ser constrói o amor ao analista. O analista é colocado no lugar de saber suposto.

Lacan, no *Seminário 14- a lógica da fantasia* (1966-67) indica que o lugar ocupado pelo analista não é sempre o lugar que o analisando o coloca. O analista é colocado no lugar de suposto saber, e deve saber que isto só irá funcionar no processo analítico se ele se ocupar desta posição para poder receber os próprios efeitos da transferência. Entretanto, é necessário que o analista, na posição de suposto saber, saiba que não obtém esse saber. Lacan marca que o analista está “entre duas cadeiras” (LACAN, 1966-67, p.439), entre a posição de sujeito suposto saber e o de ter que retificar os efeitos dessa suposição em busca da verdade.

Na clínica com adolescentes a pergunta ao analista acoplada à suposição de saber vem em geral de início, dos pais. A importância de acolher e ao mesmo tempo separar a demanda dos pais da dos adolescentes já marca a diferença da posição do analista na clínica com esses jovens.

Grande parte dos adolescentes é trazida para o atendimento pelos seus pais. São numerosos os jovens que demonstram dificuldade em formular uma demanda própria de análise, que possa se sobrepor à queixa inicial apresentada pelo outro. O analista ao escutar essa família não deve ser visto como um aliado dos pais, nem como um defensor do adolescente. Neste contexto, a condição para que uma análise ocorra é que o analista não ignore a demanda dos pais, mas maneje dando suporte para que o adolescente possa construir sua própria demanda de análise. Isto só poderá ocorrer a partir da relação transferencial estabelecida tanto com os pais como, principalmente, com o adolescente.

Em um primeiro tempo de chegada, o analista é visto pelo adolescente como alguém que, na maioria dos casos, foi indicado pelos seus pais para tentar ajudar com suas dificuldades. É preciso ouvir o que o adolescente tem a dizer, mesmo que o que ele tenha

inicialmente a dizer seja o próprio silêncio. A partir da escuta, sem compromisso com iniciar um tratamento, podemos situar o adolescente em sua particularidade como sujeito.

Alguns desses adolescentes não suportam que o analista escute seus pais durante o processo de análise, devido à necessidade de separação que esses estão vivendo dos pais da infância. “Eu não quero que eles venham aqui. Eles querem me invadir. A análise é minha!” afirma um analisando de 16 anos. Outros pedem para que o analista chame seus pais a fim de que possa, junto do analista, tomar coragem para falar o que desejam. “Tenho certeza que aqui, com você, vou conseguir falar tudo o que quero para eles e talvez eles me entendam melhor” garante uma analisanda de 17 anos. Isto depende muito da gravidade do caso em questão, do momento de vida, como também, do espaço criado em análise para o jovem conseguir sustentar seu desejo.

Ao psicanalista do adolescente cabe propor-lhe a busca da constituição de um saber, de invenção, de um novo lugar para si, caminho no qual, necessariamente, terá de passar pelo saber paterno, seja para de novo refutá-lo, seja para reavaliá-lo, seja para reter dele um traço, seja para ultrapassá-lo. Ao analista compete ainda acompanhar o adolescente na possibilidade de suportar a solidão do fim das idealizações e na descoberta que o encontro com o objeto total cobra o preço da morte do sujeito e que, de outro lado, o objeto faltante o liga indelevelmente à castração. Por fim, cabe ao analista do adolescente escutá-lo na organização de um tecido significante que traduza o trauma da antecipação vivida e que, a partir disso, o jovem possa reordenar um lugar e uma temporalidade abalada pelo fim da infância e latência. (MEES, 2004, p.22)

O adolescente ao engajar-se na análise procura criar um lugar para poder suportar a separação dos pais e encarar o novo mundo que o espera, cheio de exigências tanto internas quanto sociais. A análise se constitui como esse espaço onde a separação dos pais da infância pode se esboçar em ato, viabilizando a travessia da adolescência. “É da posição que lhe é dada pela transferência que o analista pode analisar, interpretar, enfim, intervir sobre a própria transferência”. (MAURANO, 2006, p.24) O analista precisa ser capaz de escutar esses jovens reconhecendo seus sofrimentos, permitindo que eles descubram o desejo.

2 A TRANSFERÊNCIA E A CLÍNICA DA ADOLESCÊNCIA

Para discorrer sobre as questões transferências que envolvem a clínica da adolescência procuro situar alguns pontos que marcam esta etapa de vida dos jovens.

A adolescência é um período caracterizado por transformações físicas, emocionais e sociais. O adolescente passa por momentos de diversas definições no campo sexual, profissional e familiar, as quais lançam questões que ele ainda não consegue resolver ou mesmo contornar. Para entendermos estas questões precisamos pensar nas transformações que ocorrem no processo de constituição do sujeito frente à sociedade neste período de vida.

A experiência da adolescência excede as transformações do corpo púbere. A adolescência é uma categoria social que possui características de acordo com o desenvolvimento de cada sociedade. Os rituais da puberdade marcam o lugar simbólico que o adolescente ocupará na sua cultura, pois antes o sujeito estava ancorado na família ocupando o lugar de criança. Nas sociedades tradicionais, por exemplo, as transformações da adolescência são marcadas por rituais de passagens que proporcionam a travessia da fase púbere e indicam ao sujeito o lugar no universo adulto. Os ritos nestas sociedades envolvem situações como cortes na pele, mutilações, escarificações, tatuagens, dentre outras, que diferenciam o indivíduo do antigo grupo e o agregam ao novo lugar social.

De acordo com Costa (2004, p.170), escarificar é introduzir pigmento na derme resultando em uma marca corporal que possui a função tanto de coletivizar como de singularizar o sujeito. A marca na pele traz uma circulação social a partir do olhar do Outro no corpo, designando a mudança de status na sociedade como também, tem a ver com a constituição do circuito pulsional representando singularmente o próprio corpo.

Ao atravessar esses rituais, os jovens passam a serem vistos como adultos, ou seja, a sociedade aponta a travessia para o próximo lugar social. Para Saggese:

a produção de uma identidade para o sujeito nessas sociedades só é possível através das relações com os outros, exercendo uma função que os ritos vão introduzir. Não se trata, como entre nós, de algo que se passa no campo de uma interioridade psíquica. (SAGGESE, 2001, p.60)

Nas sociedades contemporâneas ocidentais essa definição fica em aberto. O individualismo moderno causa um afrouxamento dos laços e ritos sociais. O sujeito será reconhecido simbolicamente como adulto na medida em que viver e se afirmar como

independente e responsável. A ascensão ao mundo adulto está diretamente ligada ao fator econômico. É muito comum escutarmos na clínica, pais de adolescentes repetindo que enquanto seus filhos morarem e dependerem financeiramente deles, serão eles que irão decidir o seu futuro.

Melman (2000, p.22) nos afirma que com esta exigência da sociedade representada muitas vezes na fala dos pais, estamos pedindo aos adolescentes que recalquem sua pulsão sexual para primeiro atingir a necessidade econômica. Esta acaba por ser exigida em primeiro lugar em relação à necessidade sexual. E isto é vivido pelo adolescente de uma forma tortuosa, pois neste momento seu corpo não é mais o corpo pulsional representativo da infância e sim, um corpo que vem sofrendo mudanças e que precisa assumir uma posição sexual.

Deste modo, a adolescência se instala como um período de transição no qual ocorre um vácuo entre o momento em que o sujeito se reconhecia como criança, e o momento de buscar recursos para se tornar adulto. Ele passa a não ser criança, nem adulto. O distanciamento entre o mundo infantil e a condição de adulto o lança no desafio de construir um projeto individual. O adolescente, necessitando responder a essa injunção social, “vive um paradoxo: ele é frustrado pela moratória imposta e, ao mesmo tempo, a idealização social da adolescência lhe ordena que seja feliz”. (CALLIGARIS, 2000, p. 18).

O jovem fica sem lugar na cultura que o constituiu. A fim de crescer, renuncia a segurança do amor dos pais da infância e procura o reconhecimento dos adultos. Nesse momento, a família deixa de ser o lugar de segurança, representativo do próprio sujeito, e passa a ocupar um lugar afastado. O adolescente não consegue procurar ajuda junto à família ou ao meio social. Ele questiona sua família porque os modelos ideais de pai e mãe começam a ser modificados em sua visão. Assim “sem a proteção da família (o baluarte hierárquico que é obrigado a abandonar) e sem o auxílio eficiente de outra instância social ou de algum rito suficientemente abrangente para conduzi-lo na travessia” (SAGGESE, 2001, p. 77), ele busca relações com seus semelhantes. O olhar do grupo vai possibilitar ao jovem a reconstituição de sua própria imagem a partir do compartilhado.

Podemos pensar em alguns movimentos dos grupos adolescentes que se aproximam dos rituais marcados pelas sociedades tradicionais, citados anteriormente. Dentre muitos, temos o primeiro beijo, a primeira “ficada”, ou seja, a primeira experiência com o sexo. O contato com outro corpo permite a inclusão no mundo adolescente. Nas palavras de uma

menina⁵: “Não me sinto ainda uma mulher, nunca fiquei com ninguém. Minha amiga falou que nesta festa tenho chances de ficar com alguém e entrar para essa vida! Ela vai me ajudar!”. O vivido e compartilhado possibilitam alguns desdobramentos para os adolescentes, como pensar em grupo sobre: o que é ser uma mulher? Como se portar como uma mulher? Dentre outras questões, ocorre a possibilidade de compartilhar este momento de vida quando tantas separações são necessárias.

O sujeito ao passar de criança a adulto é obrigado a fazer a separação das identificações passadas. Ele depende dos significantes anteriores e, ao mesmo tempo, precisa se separar para encontrar uma falta que permita o surgimento do seu próprio desejo enquanto adulto. As identificações mais primitivas da infância são com os próprios pais, e de acordo com Freud (1923), trata-se de uma identificação direta e imediata. Essas identificações tomam os pais como ideais, havendo diferenças para o menino e para a menina.

No caso do menino ele desenvolve uma relação amorosa com a mãe e trata o pai se identificando com ele. Durante certo tempo estes dois relacionamentos caminham lado a lado em plena consonância. Até que no período edípico, os desejos sexuais do menino pela mãe se tornam intensos e o pai é visto como um obstáculo a realizá-los. Sua identificação com o pai se torna um misto de amor e ódio. Surge um forte desejo de ocupar o lugar de seu pai junto à mãe. A partir deste momento, a relação do menino com o pai torna-se ambivalente. “Uma atitude ambivalente para com o pai e uma relação objetal de tipo unicamente afetiva com a mãe constituem o conteúdo do complexo de Édipo positivo simples num menino”. (FREUD, 1923, p.46) Com a saída do Édipo a relação intensa do menino com a mãe deve ser abandonada. Em lugar desta relação pode ocorrer uma identificação com a mãe ou uma intensificação da identificação com o pai.

Em 1923, Freud ainda afirmava que o desfecho do complexo de Édipo de uma menina aconteceria de forma análoga ao do menino. Desta forma, considerava que no caso de uma menina a saída do Édipo pode resultar uma intensificação da identificação com a mãe ou a instalação, pela primeira vez, desta identificação. Freud assinala:

(...) em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edípica será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subsequentes do complexo de Édipo. (FREUD, 1923, p.47)

⁵ Fala de uma analisanda adolescente de 16 anos.

No texto de Lacan *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949), a criança em torno de seis meses manifesta um intenso júbilo ao contemplar a sua própria imagem no espelho. Ainda não tendo controle corporal, ela reconhece sua imagem a partir da garantia do olhar do outro, do semelhante. Após este momento o sujeito é capturado pela imagem unificada e totalizante do eu, que instaura a necessidade do simbólico. Lacan compreende essa passagem do estádio do espelho já como uma identificação, na qual ocorre uma transformação produzida no sujeito quando ele assume sua imagem. Essa experiência frente ao espelho é singular, pois ao mesmo tempo em que revela uma imagem completa quando a criança se reconhece e responde com entusiasmo diante da própria imagem, ela se percebe diferente do outro, configurando uma separação.

Lacan mostra que a experiência do espelho faz com que o sujeito visualize a relação eu e outro na assunção de sua própria imagem. O estádio do espelho representa de uma maneira ampla, a direção das identificações do sujeito. Elas se desdobram nas vertentes imaginária e simbólica. A identificação imaginária aponta para uma imagem ideal constituída para o olhar do Outro - o eu ideal. O Outro, funda com seu olhar direcionado para criança, um campo de referência que marcará a aproximação do eu ao seu ideal. O que está em jogo é a semelhança, a aparência. A identificação simbólica se situa no lugar do Outro- o ideal do eu- apontando para um traço do Outro que escapa a imitação, a semelhança.

O Outro, a mãe primordial, a que confirma a imagem da criança ao espelho marca o reconhecimento do pequeno *infans*. É com essas marcas que o sujeito vai contar para desenhar novas e futuras identificações. O que ocorre na adolescência é um afrouxamento desses modelos identificatórios infantis. Os pais idealizados da primeira infância e os pais da realidade se diferem bastante. A imagem ideal que o sujeito tinha dos seus pais começa a dar lugar a uma imagem com falhas e imperfeições. A partir desse momento ocorre um hiato entre a posição ideal, que lhe servia de suporte, e a real. A capacidade do sujeito de encarar o distanciamento das antigas identificações e se integrar no campo de outras identificações simbólicas é que o faz entrar no período da adolescência.

A percepção da falha dos pais é trazida pelo crescimento da criança, o que possibilita o início do processo de separação dos pais da infância. Talvez esta seja a principal perda da adolescência. Separar dos pais imaginarizados e dar lugar aos pais da realidade, desmoronando a imagem idealizada. O sofrimento pela perda dos pais da infância permite ao adolescente dar lugar ao seu próprio desejo e não ficar mais tão ligado às demandas paternas. Isto só é possível se ele já tiver obtido provas suficientes de que ele obtém o amor dos pais. Entretanto, é claro que, durante todo esse processo da adolescência, irão surgir momentos em

que o sujeito precisará retornar aos pais da infância para se sentir seguro, e só após esse retorno, caminhar em busca do seu desejo de se tornar um adulto.

Rassial (1999) afirma que na adolescência ocorre uma reconstituição da fase do espelho a partir do desmoronamento da consistência parental e da modificação da imagem do corpo. A interrogação sobre o ser retorna e o sujeito busca novamente sua identidade. No estágio do espelho a sustentação era fornecida pela voz e pelo olhar do outro. No período edípico, de acordo com Freud, incluía o pai como terceiro e no período da adolescência, o sujeito irá buscar o outro no encontro com o real do sexo.

2.1 O adolecer e o corpo

A chegada da adolescência perturba a imagem corporal construída na infância. O jovem começa a ganhar características do genitor do mesmo sexo. Nos meninos ocorre uma modificação da voz, o crescimento dos pêlos e órgãos genitais. Nas meninas incide uma mudança na silhueta corporal, com o crescimento dos seios acompanhado pela chegada da menstruação.

Do mesmo modo que o corpo físico do adolescente terá que ser reapropriado por ele, ocorrerá também uma mudança no estatuto corporal, uma vez que o corpo é marcado pela genitalidade. A imagem do corpo passa a ter valor para além das percepções dos pais. O próprio adolescente começa a fazer questões sobre a perspectiva de ser desejado, na medida em que a possibilidade da relação sexual entra em jogo. O corpo do outro se torna proeminente como possível objeto do desejo. Um jovem analisando de 16 anos, explica o motivo de querer entrar para musculação, apesar de seus pais acharem muito cedo: “Eu quero ficar forte para poder ficar com meninas que tem um corpão!”.

A partir da saída da infância, o adolescente se depara com esse real do sexo. Freud usava o termo puberdade para descrever o período da adolescência onde o encontro com o real pode se tornar traumático, impossível de ser simbolizado pelo sujeito.

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b), no capítulo intitulado *As transformações da puberdade*, Freud afirma que a pulsão sexual, até então de natureza autoerótica, se depara agora com o objeto sexual. Ele estabelece uma diferenciação na evolução sexual do homem e da mulher. No homem a evolução é mais *direta* e na mulher ocorrerá o que ele denominou como *uma espécie de regressão*. A mulher não é apenas

confrontada ao desejo, como o homem, de acordo com a passagem edípica, mas também deverá passar por uma reatualização da questão materna. A mãe, a qual teve que se afastar, reaparece como suposto modelo identificatório para a aquisição da feminilidade. Ou seja, de acordo com a teoria freudiana, para a adolescente os impasses edípicos são revividos neste período.

Farei aqui um breve recorte do complexo de Édipo para lembrar os impasses apontados por Freud. Esse período do complexo é decisivo para o sujeito cujas ressonâncias ressoarão por toda sua vida, principalmente no período da adolescência.

O conflito edipiano é situado entre três e cinco anos de idade. Nesta ocasião, as crianças só reconhecem os seres humanos a partir do órgão sexual. As pessoas passam a serem olhadas pelas crianças através da classificação em ter ou não ter o falo.

Freud observa que, anteriormente a esse período fálico, as crianças se percebiam do mesmo modo dotadas do falo, sendo este o órgão de intenso investimento narcísico. Ao descobrirem a diferença anatômica entre os sexos, formulam que os seres humanos são ou possuidores do falo, ou castrados. A partir desse momento passa a existir uma diferenciação no conflito edipiano para o menino e para a menina.

O menino, ao descobrir a castração materna, ingressa no que Freud chamou de declínio do complexo de Édipo, pois a sua descoberta confirma que, se sua mãe foi castrada, ele também poderá ser. Neste contexto, o menino sai do complexo de Édipo por uma angústia de castração. O amor sentido pelo pai se torna agora admiração na medida em que a mãe ficou desvalorizada por não possuir o falo.

Freud afirma que, no caso da menina, a história começa com uma catástrofe. Ela entra no complexo de Édipo com a descoberta de sua própria castração. Ao perceber que, como a mãe, ela também é castrada, a menina se afasta da mãe responsabilizando-a por não possuir o falo. Ela se volta para o pai, acreditando que ele lhe dará o falo que tanto deseja. Deste modo, a menina supõe que um dia irá se tornar semelhante ao pai.

Em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), Freud assinala que a saída do complexo de Édipo da menina é mais simples que a do menino, pois ela percebe a castração como um fato consumado. O menino teme a possibilidade de ser um dia castrado. A menina, por não tolerar a renúncia ao poder fálico, tenta fazer uma compensação pelo desejo de receber do pai um bebê e, mais adiante, de ter um filho.

Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho. Tem-se a

impressão de que o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado de vez que esse desejo jamais se realiza. (FREUD, 1924, p. 223).

Já em 1925 no texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud revê a posição da menina e constata que o complexo de Édipo levanta um problema a mais nas meninas do que nos meninos. Enquanto neles o complexo é destruído pela ameaça de castração, nas meninas a comprovação da castração introduz o dilema edípico. A menina distancia da mãe e toma o pai como objeto de amor a fim de se aproximar do seu desejo. Assim, o complexo de Édipo nas meninas é lentamente abandonado podendo persistir durante bastante tempo na vida de uma mulher.

Freud estabelece que a diferença entre o desenvolvimento sexual do homem e da mulher não se relaciona com a distinção anatômica entre os sexos, e sim, com a execução da castração neste período do complexo de Édipo. “O complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade”. (FREUD, 1925, p.318)

Lacan, ao reler o complexo de Édipo em Freud, o esquematiza em três tempos no *Seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-58)*. O primeiro tempo é marcado pelo idílio amoroso entre a mãe e o filho. A criança busca satisfazer o desejo materno, ou seja, identificada especularmente ao objeto do desejo de sua mãe, deseja o desejo da mãe. Nesse começo da vida, a relação da criança é apenas com a mãe na medida em que ela depende do desejo da mãe. Tem como símbolo somente a mãe. A partir dessa simbolização inicial em que se afirma o desejo da criança como desejo do desejo da mãe, começam todas as outras simbolizações. A criança passa a desejar o desejo da mãe seja ele qual for. Forma-se assim o desejo de Outra coisa. Para satisfazer a mãe, a criança almeja ser o falo.

Essa constituição lógica só é possível graças à equivalência freudiana entre bebê e falo, sendo este o objeto de desejo por excelência. Lacan chama esta etapa de fálica primitiva, ao destacar que o pai ainda não é suporte da lei, ou seja, a função paterna ainda não está presente. O pai simbólico precisa barrar a mãe e tê-la como causa de seu desejo para exercer a função paterna.

No segundo tempo, a entrada do pai se torna fundamental. O pai entra na trama como a figura capaz de realizar a função de ser o privador da mãe e, ao mesmo tempo, assume o filho com seu. Pela mediação da mãe, o pai intervém no discurso materno e no da criança. O que retorna no imaginário da criança é a lei do pai como proibidor do objeto, que é a mãe. Lacan destaca que esse é o momento nodal do complexo de Édipo, pois desvincula o sujeito

de sua identificação e o liga à lei. O sujeito percebe que sua mãe é dependente de um objeto que o Outro possui, ou não possui.

No terceiro tempo, o pai reaparece sob a forma de um pai permissivo. Ele não é o falo e sim, tem o falo. O pai se oferece como polo das identificações sexuais dos filhos e também de seus ideais sociais. É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado pelos filhos como ideal. A demanda do menino retorna na mensagem de identificação à instância paterna a partir do amor ao pai: ser como o pai, ter o falo e fazer do falo um dom para a mulher, como objeto de seu desejo. No caso da menina, não ocorre uma identificação ao pai, no entanto ela permanece ao seu lado sabendo que ele possui o objeto de seu desejo, o falo.

De acordo com Lacan, a instituição da função paterna é diretamente contribuinte para entrada do falo na dialética edipiana e o seu declínio culmina na instauração do significante, permitindo que o sujeito se estabeleça no futuro.

Trata-se do que chamo de Nome-do Pai, isto é, o pai simbólico. Esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro. (LACAN, 1957-58, p.152)

A função paterna possibilita que o filho seja inserido na lei do desejo. É a partir da interdição da mãe, feita pelo pai, que o sujeito irá poder buscar novos investimentos em sua vida. O pai simbólico, representante da função paterna, entra na trama edípica para barrar a mãe, ao introduzir a lei primordial da proibição do incesto. Esta fundamental importância da referência a um pai na vida do sujeito se faz na medida em que ela representa o significante da lei. Ou melhor, na medida em que a mãe aponta para o pai como aquele que sanciona o lugar da lei.

Como já foi aqui exposto, no Complexo de Édipo a instância paterna entra inicialmente de forma velada. Isto não quer dizer que o pai não exista na realidade. A questão fálica já está presente na mãe em algum lugar mesmo ainda sendo difícil de ser situada pela criança. No segundo momento, o pai se afirma como privador da mãe, já entrando como suporte da lei, mas ainda mediado pela fala da mãe. Ela precisa apontar para o pai como aquele que instaura a lei. E no momento seguinte, o pai se revela como o possuidor desempenhando o papel da lei. A metáfora paterna desempenha assim, a função de levar a instituição da lei para a vida do sujeito neurótico.

Voltando para a adolescência, percebemos que a diferença sexual, que se mostrava precocemente presente na relação com o falo no complexo edípico, agora toma um novo

sentido diante do enfrentamento do sujeito com o sexo. Este encontro com o sexo faz o sujeito reviver a relação edípica com o pai simbólico e com essa representação da lei.

De acordo com Rassial (1999) a sexualidade da adolescente é acentuada pela pulsão escópica. O período de puberdade na jovem se acomoda por uma regressão narcísica, como já vimos em Freud. A experiência especular, denominada por Lacan como estágio do espelho, se caracteriza na adolescente por uma omissão da castração ao reativar a questão narcísica. Ocorre um engajamento na relação com o Outro. A adolescente assinala em seu corpo o que pode ser visto pelos outros.

Em outra vertente, as provas da castração real aparecem na chegada da menstruação, a qual novamente remete a uma dimensão especular. Além de ser o sinal do acesso da jovem à vida genital, o olhar, principalmente da mãe, outra vez é direcionado a ela. Rassial sintetiza que, em relação ao falo, a adolescente terá que se situar não como aquela que o possui, mas como aquela que o faz aparecer na forma de desejável, na medida em que possibilita o exercício fálico no outro. Aqui podemos nos remeter não só as vestimentas dessas jovens, como também a danças ditas sensuais que buscam o olhar do outro como uma confirmação da própria sexualidade. Uma analisanda adolescente de 17 anos assegura que: “quando estou dançando funk e as pessoas me olham, sinto que realmente sou desejada e volto para casa mais feliz.”.

O autor continua sua diferenciação ao se referir ao adolescente. No jovem, é a pulsão invocante que se acentua. A mudança de timbre implica em um deslocamento do sujeito. A semelhança com a voz do pai faz retornar uma comparação e um embaraçamento, devido à confrontação com a imagem paterna. O adolescente se compara ao pai fálico e tenta capturar semelhanças que remetam a própria masculinidade.

Rassial estabelece outro estatuto onde a mudança vocal passa a existir para o adolescente, ocorre uma apropriação do olhar e da voz supostamente vinda do Outro mais arcaico, da mãe na experiência do estágio do espelho. Assim, através da mudança de voz, o adolescente pode se apropriar da voz materna em um segundo tempo de identificação especular. Cria-se em muitos casos um acanhamento pela decisão de tomar a palavra, onde este ato faz com que o olhar do outro se vire em sua direção. Nas palavras de um adolescente: “eu não sei o que falar e como falar. Quando falo alguma coisa em uma roda de amigos todos ficam olhando para mim e esperando o que vou dizer”.

As mudanças nos meninos também chegam de uma forma real com os pelos que crescem por todo o corpo, o que, em alguns casos, também os levam a um estranhamento. É

como se fosse a própria constatação de que está ocorrendo uma mudança de lugar, da adolescência para a chegada do status de adulto. De acordo com Alberti:

Deparar-se com o outro sexo contribui assim com a vacilação *gestáltica* na adolescência, ele já não reconhece mais seu próprio corpo nem o mundo em sua volta, o sujeito se vê sobrepujado por tantas questões que às vezes até pode duvidar de sua própria capacidade para dar conta de todas elas (ALBERTI, 2010, p.31).

Portanto, o período da adolescência é vivido pelo jovem como um momento de intensificação dos sentimentos e fantasias. O texto *O despertar da primavera* de Frank Wedekind (1891) ilustra bem este momento tumultuado da adolescência. Ele aborda temas da adolescência como a sexualidade, as relações familiares, a amizade, a escola e a morte. Irei fazer um recorte de alguns pontos que considero importantes para delinear as questões da adolescência apresentadas no texto.

A história gira em torno de alguns personagens dentre eles, destacam-se os adolescentes: Wendla, Moritz e Melchior. Os jovens, em seus grupos de amizade, expõem assuntos íntimos que acarretam dúvidas na adolescência.

A peça se inicia com Wendla, que ao completar quatorze anos de idade, entra em conflito com a mãe por causa de um vestido. Sua mãe afirma que seu vestido está excessivamente curto e a filha questiona por achar o vestido demasiadamente longo. A adolescente afirma que ao usar o vestido que a mãe deseja, se sente como uma presidiária. A moça tenta mostrar para mãe que já está se tornando uma mulher, mas ela enxerga a filha ainda como uma menina.

Na cena posterior os jovens iniciam uma conversa. No primeiro momento Melchior se interroga sobre o motivo de ir à escola, sobre a relevância das provas e acaba por concluir que é necessário estudar, entretanto, poderiam fazer além dos estudos convencionais um manual sobre a anatomia da mulher. A curiosidade sobre o corpo feminino perturba a mente dos adolescentes deslocando os seus pensamentos para o tema da sexualidade.

Um pouco adiante, a conversa passa a ser sobre os sonhos. Melchior relata ter ficado angustiado por ter sonhado que batia no cachorro até matar. Moritz, por sua vez, sonha com pernas femininas que subiam até alcançar algo. O jovem Georg ainda sonha com sua mãe e Lämmermeier com tortas de chocolate e geleia de pêssego.

Lacan, em *Prefácio a O despertar da primavera* (1974), aponta que a sexualidade só irrompe no despertar dos sonhos. O despertar da primavera é esse despertar da fantasia que

aparece novamente na adolescência. A fantasia do sonho se articula também com a separação dos pais. Em seus sonhos o sujeito desperta a sua sexualidade e com isso ensaia o início da separação dos pais da infância. Como vimos na conversa dos jovens, a experiência da sexualidade se inicia para cada um de forma diferente sem ter relação com a idade.

As moças Wendla, Martha e Thea conversam. Martha descreve para as amigas como seu pai a espanca. A curiosidade de Wendla aguça sua fantasia ao pensar em como seria apanhar de um pai. Chega a dizer a amiga que se ela pudesse ficaria em seu lugar.

Lembramos aqui do texto freudiano de 1919, *Bate-se numa criança*, onde Freud faz uma indagação acerca do masoquismo. Afirma no texto que a representação da fantasia de espancamento é investida pela criança com um grau elevado de prazer e desemboca em um ato de satisfação auto-erótica. Considera tal fantasia, surgida na primeira infância antes do sexto ano de vida, como um traço primário de perversão. O traço não necessariamente irá permanecer por toda a vida da criança, podendo se dissolver por três destinos: ser recalçado, ser substituído por uma formação reativa ou sublimado.

Freud considera três fases distintas da fantasia de espancamento. A primeira fase da fantasia da criança é representada pelo enunciado - “Meu pai bate na criança”. “Meu pai bate na criança que eu odeio” (FREUD, 1919, p.232). A criança que apanha não é a que fantasia, e é o pai quem bate na cena. Esta fase inicial é abalizada por um período primitivo da vida infantil. O que se constrói conscientemente está em torno de uma demanda de amor dirigida ao pai.

Da primeira para a segunda fase da fantasia ocorrem inúmeras transformações. A segunda fase é marcada pela frase - “Sou espancada pelo pai”. (FREUD, 1919, p.234). Aqui revela a ocorrência de uma espécie de inversão da fase anterior, impulsionada pela culpa da menina em relação ao amor do pai. Ela refletia: “O meu pai só ama a mim, e não a outra criança porque está batendo nela”, e agora ela inverte e retoma da seguinte maneira: “Não, ele não ama você, pois está batendo em você”. (FREUD, 1919, p.236). Nesta segunda fase a criança que fantasia passa a ser a espancada. O pai continua sendo a pessoa que bate. É uma fase vivida inconscientemente pela criança e tomada por um elevado grau de prazer.

De acordo com Freud, a terceira fase se aproxima novamente da primeira. O enunciado é “Bate-se numa criança”. (FREUD, 1919, p.246). É um momento consciente no qual a pessoa que bate nunca é o pai, podendo ser um adulto indeterminado ou um substituto paterno. A criança que fantasia não aparece nesta fase, ela permanece apenas como espectadora. O espancamento pode ser substituído por castigos ou humilhações e nesta fase, não é mais apenas uma criança que é espancada, pelo contrário, agora são várias crianças.

A terceira fase da fantasia é distinta por ser vivida pela criança por uma excitação intensa, o que gera um meio para satisfação masturbatória. Nesta fase a criança aparece numa posição terceira de observadora.

Freud destaca em seu texto que para a menina o espancamento equivale inicialmente a ser amada exclusivamente pelo pai. A menina se reporta ao pai como objeto de amor com uma postura edípica dita normal. Tanto no menino quanto na menina, a fantasia de espancamento deriva de uma ligação incestuosa com o pai.

Voltando a peça de Wedekind, será que Wendla em sua adolescência estaria revivendo uma dessas fases da fantasia de espancamento ao escutar sua amiga contar sobre às vezes em que seu pai lhe batia?

Em outra cena da peça o jovem Moritz pede a Melchior que lhe faça um favor, lhe explique por escrito as questões sobre a reprodução humana. Essas questões estavam lhe deixando embaraçado, devido à tamanha excitação sem entendimento do que estava acontecendo.

Já Wendla recorre à mãe para lhe ensinar sobre a sexualidade e a origem dos bebês. Após sua mãe ter tentado lhe driblar dizendo que os bebês chegavam através de cegonhas, Wendla pede à mãe para que lhe conte a verdade de forma velada. Sugere que cubra sua cabeça para parecer não estar lhe esclarecendo, mas sim, falando para ela mesma em voz alta.

A diferença entre os jovens se dá na própria conduta. Melchior sonha com o espancamento do cachorro e Moritz com pernas voluptuosas. Melchior diz a Moritz que ele se parece com uma menina. Aqui Lacan pontua que Melchior quer ser a exceção. Isto faz referência ao que Lacan teorizou na sua apresentação do *Seminário livro 20 Mais, ainda* (1972-73) no qual demonstra o quadro da sexuação, que será exposto mais adiante.

Lacan define que tal como não existe a relação sexual, mas o ato sexual, *A Mulher* também não existe. Existe uma mulher e sempre mais uma. Ou seja, não existe um significante que componha a classe das mulheres. De acordo com Lacan:

Moritz, em nosso drama, consegue excetuar-se, no entanto, e nisso Melchior o qualifica de menina. E tem toda razão: a menina é apenas uma e quer continuar assim, o que é jogado para escanteio no drama. O fato é que um homem se faz *O* homem por se situar partir do Um – entre- outros, por entrar-se entre seus semelhantes.

Em outra cena as jovens Wendla, Martha e Thea conversam sobre questões femininas. Debatem sobre uma questão fundamental da adolescência que faz referência a como a menina irá se tornar uma mulher. Wendla é a única que afirma gostar muito de ser mulher e estar feliz

com sua posição. As outras duas jovens asseguram que, se tivessem escolha, preferiam ter nascido homem.

Posteriormente ocorre a cena do encontro de Melchior e Wendla na mata. O encontro sexual dos jovens é vivido por medos e receios. Wendla teme haver amor, pois sua mãe lhe garantiu que ao amar um homem, a mulher passa a ganhar um filho. Melchior afirma a parceira que não há amor e se livra de suas perturbadoras angustias no ato sexual.

Moritz reprova nos exames e teme a reação dos pais. Anuncia seu ato numa carta que envia à mãe de Melchior, solicitando-lhe dinheiro para fugir de casa. Ela nega o seu pedido lhe mandando a resposta também através de uma carta. Moritz queima a carta com a resposta. Diante da reprovção, se culpa. Ele se angustia por não conseguir negociar a exigência do Outro que se apresenta diante dele.

A cena que marca a peça é a do suicídio do adolescente Moritz. Muito angustiado por não conseguir responder as demandas paternas, o jovem passa ao ato. Ao caminhar para a floresta a fim de tirar a vida, encontra Ilse, uma jovem prostituta que poderia ter entrado em sua vida mais cedo e mudado o trágico rumo.

Os pais depositaram em Moritz uma grande expectativa de melhorar de vida, mas ele falha. Ao falhar nisso, falha em tudo. Uma mulher ainda o convida, mas já não pode segui-la, não há mais nada a fazer, salvo terminar com tudo. (ALBERTI, 2010, p.58)

Após terem encontrado na casa de Moritz escritos sobre a reprodução humana de autoria do jovem Melchior, o reitor e os professores da escola o culpam pela morte do amigo. Por acreditar que ele havia influenciado na realização do ato suicida, julgaram e castigaram Melchior. Assim, ele é expulso do colégio e levado pelos pais para um reformatório por ter envergonhado a família no envolvimento da morte do amigo e também por ter engravidado a jovem Wendla.

Na família de Wendla acontece um verdadeiro drama. A jovem prefere acreditar que está doente ao invés de assumir que se deitou com Melchior. Garante a mãe que não amou homem nenhum e que somente a ama. Sua mãe atormentada e querendo apagar o ato da filha, a leva para casa de uma tia para realizar o aborto. Wendla não resiste ao procedimento e falece.

A última cena da trama é a do Melchior, que fugido do reformatório, passeia pelo cemitério, se deparando com o túmulo de Wendla. Ele se sente responsável pela sua morte. Ao se lamentar, posicionado em frente ao túmulo, vê a imagem de Moritz o chamando. Surge

aí a figura do Homem mascarado que impede Melchior de seguir com Moritz e assim, permanecer vivo.

Para Lacan, a figura simbólica do Homem Mascarado, além de salvar o jovem das garras de Moritz, também funciona como Nome Próprio, podendo ser incluído entre os Nomes-do-Pai. “Ou seja, dizer-lhes que em meio aos Nomes-do-Pai existe o Homem mascarado. Mas o pai tem tantos e tantos que não há Um que lhe convenha, (...) Não há Nome que seja seu Nome-Próprio, a não ser o nome como ex-sistência”. (LACAN, 1974, p.559)

Para Alberti:

Moritz não pode sustentar uma posição masculina diante do desejo de uma mulher, que na verdade, surgiu como a última possibilidade de salvá-lo. Ilse não é uma mulher para Moritz, mas sim A mulher, assustadora em carne e osso. (ALBERTI, 2010, p.136)

Na peça de Wedekind o que sobressai são as dificuldades dos adolescentes diante da questão do encontro com o sexo. Os sonhos comentados oferecem uma mediação para suas angustias por um lado, porém por outro, trazem à tona os investimentos libidinais e amorosos dos jovens. Na trama vimos que os três principais personagens vivem esta dificuldade. Como por exemplo, a jovem Wendla que aos quatorze anos se percebe como o único bem de sua mãe. Uma mãe que não permite o crescimento da filha e esta, por sua vez, também fica presa ao desejo da mãe. Wendla muito angustiada afirma que nunca amou um homem e só havia amado verdadeiramente a própria mãe.

A clínica do sujeito adolescente passa também por essas transformações vividas neste momento particular da vida. Atender adolescentes no plano do seu sofrimento psíquico envolve estar ciente das dificuldades que surgem a partir das mudanças sociais, corporais e psíquicas deste período. Tais dificuldades, que não podem ser evitadas, serão vividas por cada um de uma forma mais ou menos angustiante, de acordo com o próprio sujeito.

Apresentarei nos próximos dois tópicos um recorte de dois casos clínicos pretendendo enfatizar a questão da transferência no atendimento de adolescentes. No primeiro, o caso de uma adolescente atendida no consultório particular no período de dois anos, a transferência amorosa passar a existir na forma de resistência. E no segundo, o caso de um adolescente atendido no ambulatório do Instituto de Psiquiatria da UFRJ no programa *Proadolescercer* por um período de cinco anos, a questão transferencial aparece inicialmente como agressividade.

2.2 A transferência e a pergunta sobre o feminino

Alice⁶ tem dezesseis anos e mora com sua mãe, o padrasto e uma irmã onze anos mais nova, filha do segundo casamento de sua mãe. Seu irmão, três anos mais velho do que ela, mora com a avó paterna, devido a um desentendimento com a mãe. O pai de Alice mora em outra cidade com a atual esposa e dois filhos pequenos, um de cinco anos e o mais novo de um ano. A relação entre Alice e a mãe é muito intensa e repleta de sentimentos de amor e ódio. Joana, mãe de Alice, culpa o marido por ter saído de casa quando seus filhos eram pequenos. “Até hoje ela sofre porque meu pai não a ama mais.” – afirma Alice.

A jovem reclama muito do comportamento da mãe. “Eu a amo, mas não tenho nenhuma admiração por ela.”. Fala da dificuldade que sua mãe tem de se relacionar com as pessoas, de organizar as coisas da sua vida e também de trabalhar. Comenta que sua mãe não lhe exige nada, não lhe coloca limites e não exerce “o papel de uma mãe”. Ao ser perguntada qual seria o papel de uma mãe, Alice afirma que uma mãe precisa dar amor, mas também deve ser um exemplo para uma filha. “Minha mãe mente o tempo todo e eu não acho isso correto.”

Alice fala com frequência ao telefone com o pai e uma vez por mês viaja para encontrá-lo. A relação com o pai é de muita admiração. Afirma que ele é uma pessoa muito correta e extremamente inteligente. Compara a postura de sua mãe com a de seu pai. “Meu pai se interessa por tudo, ele busca e estimula a cultura nos filhos. Minha mãe não lê um livro faz uns quatro anos e também não acha que devemos ler. Ela não se interessa por nada!”

Nas entrevistas com Joana, mãe de Alice, fica claro o seu sofrimento por ter sido “deixada” pelo ex- marido. “Ele me deixou com os meus filhos pequenos e foi morar com essa mulher”, Joana lamenta. Diz que sua filha sempre tentou “resgatar” o pai e agora ele realmente está se reaproximando.

Devido ao fato de Carlos, o pai de Alice, não morar na mesma cidade, converso com ele pelo telefone marcando uma entrevista no mês seguinte quando ele estaria aqui. Nesta entrevista, Carlos diz estar muito preocupado com sua filha devido ao relacionamento com a mãe. “Minha ex- mulher é uma pessoa boa, mas completamente descontrolada”. Assegura que Alice precisa muito de regras por estar enfrentando o “período conturbado da adolescência”. O que segundo ele, a mãe não está conseguindo estabelecer. Conta que sua separação foi

⁶ Os nomes foram modificados a fim de resguardar a privacidade dos pacientes.

muito complicada e que por esse motivo ficou ausente por um período, mas que agora estava tentando se reaproximar de seus filhos. “Alice precisa de muito carinho e cuidado. Eu queria poder estar ao lado dela para lhe dar isso. Ela é a minha princesinha.” Carlos se emociona.

Em uma sessão, Alice chega angustiada, falando que um dos seus maiores problemas é ficar “fascinada” por algumas pessoas em sua vida. Peço para falar sobre sua fascinação. Ela conta sobre sua professora de português. Afirma que ficou vinculada a ela por alguns anos. “Não conseguia prestar atenção na aula de tanto que eu ficava nervosa ao olhar para ela.” Continua narrando que, depois de um tempo, este sentimento foi se dissolvendo, mas ainda lembra-se desta professora com um carinho especial. Fala que, em seguida, quem ocupou este lugar foi sua tia Diana – casada com o irmão do seu pai. “Eu sou enlouquecida por ela! Acho a tia Diana o máximo e deixo de sair com as minhas amigas para ficar um dia inteiro ao lado dela.”

Alice repetia, durante algumas sessões, o relato sobre este sentimento que lhe deixava angustiada. A angústia ainda era maior porque toda vez que mencionava o nome de sua tia, brigava com sua mãe. “Ela tem muito ciúmes dela! Não quer que eu encontre com ela.” Alice reclamava. Seu discurso trazia muita confusão quanto ao sentimento pela mãe, pela tia e pelo pai. Suas questões giravam em torno de como seria o seu crescimento na tentativa de buscar uma identidade.

Após alguns meses de atendimento, comecei a notar que Alice estava diminuindo consideravelmente a sua fala. Permanecia frequentemente em silêncio. Depois de algum tempo, interroguei tal comportamento. Ela me disse: “É que eu gosto tanto de você, eu gostaria tanto de poder ficar mais tempo com você, que eu não tenho conseguido falar sobre meus problemas. Penso em você a todo instante, mas sei que você é apenas minha analista”.

Mesmo dizendo saber da minha posição, a paciente, por inúmeras vezes, me seduzia com o charme da adolescência, na tentativa de me deslocar da posição de escuta e de sustentação. Ponderava como seria bom se pudesse ir ao cinema ao meu lado ou estar comigo em outros momentos de lazer. Alice me trazia cartas e presentes, comentava como eu estava bonita no dia da sessão. E afirmava: “Tenho certeza que se você estivesse ao meu lado o tempo inteiro, eu conseguiria não ligar para as loucuras da minha mãe”.

Depois de um período percorrido em análise, Alice conseguiu localizar esse sentimento que lhe incomodava. “Eu fico fascinada por algumas pessoas, quer dizer... (*Silêncio.*) Por mulheres adultas. Eu pensei que fosse por alguma carência, por alguma falta da minha mãe, mas ando percebendo que ela não deixa de me dar carinho. Só que o carinho dela

apenas não me conforta mais, por isso busco nessas outras mulheres. Você é uma dessas que eu admiro”.

Penso que o manejo da transferência amorosa a partir do acolhimento e da escuta da analista, permitiu a Alice dar continuidade ao seu trabalho analítico e seguir um percurso que lhe possibilitou fazer escolhas em sua vida. Depois de alguns meses, Alice me telefona para se despedir, uma vez que estava embarcando para fora do país com seu pai. Carlos recebeu uma proposta de emprego e convidou Alice e seu irmão para morarem com ele, junto com a esposa e seus outros dois filhos. Alice conta que, mesmo deixando seu namorado aqui, resolveu ir morar com seu pai e com seus irmãos fora do país para “viver esta experiência”.

O caso da adolescente Alice nos faz pensar em algumas questões. Uma delas trata da manifestação da transferência amorosa em sua vertente de resistência à regra fundamental de associação livre. Ao manifestar seu olhar para as mulheres, Alice coloca, num primeiro momento, sua professora, sua tia e em seguida a analista em um lugar diferenciado na sua vida, no lugar de fascinação. Este fascínio provoca uma interrupção em sua fala e impede a continuidade do trabalho analítico. Declara que não consegue mais falar sobre suas angústias devido a uma angústia maior, o fascínio pela analista.

De acordo com Freud:

(...) tudo o que interfere com a continuação do tratamento pode constituir expressão de resistência. Não pode haver dúvida de que a interrupção de uma apaixonada exigência de amor é, em grande parte, trabalho da resistência. (FREUD, 1915, p.212)

O fascínio de Alice pelas mulheres nos faz lembrar ao caso Dora, já comentado aqui nesta dissertação, em que a demanda de amor se faz presente em sua dimensão de questionamento sobre o feminino.

Dora toma a Sra. K. como uma referência fálica e como o representante do enigma da sua própria feminilidade. Ao ser confrontada com o mistério representado pela Sra. K., define que gostaria de ser amada por um homem como a Sra. K. é pelo seu pai e também pelo Sr. K.. Como já vimos anteriormente, é neste momento que a Sra. K. representa para Dora o suplemento de uma feminilidade da qual ela mesma se sente em falta. A Sra. K. é para Dora a resposta de seu enigma sobre o feminino.

Envolto pelo questionamento de Dora, Freud mostra em dois sonhos narrados pela analisanda como ela sustentava essa questão. Dora narra o primeiro sonho:

Uma casa estava em chamas. Meu pai encontrava-se de pé ao lado de minha cama e me despertou. Vesti-me rapidamente. Mamãe queria parar e salvar sua caixa de jóias; mas Papai disse: “Recuso-me a deixar que eu e meus dois filhos sejamos queimados por causa da sua caixa de jóias”. Descemos apressadamente as escadas, e logo que me encontrei fora da casa despertei. (FREUD, 1905, p.61)

Segundo Freud, este primeiro sonho gira em torno de um elemento importante para ilustrar a questão feminina, que é a caixa de jóias. O relato do sonho traz que a mãe de Dora quer salvar sua caixa de jóias, mesmo com a oposição do pai. Dora ao dizer o sonho a Freud, evoca a lembrança de uma ocasião real: sua mãe desejava certa jóia - brincos de pérolas. O pai de Dora, não gostando de brincos de pérolas, presenteou a esposa com uma pulseira. A mãe, extremamente irritada, recusou o presente, dizendo ao marido que não acreditava que ele havia gasto tanto dinheiro com um objeto que não lhe agradava, e que seria melhor ele presentear outra pessoa.

Neste momento, Freud demonstra a Dora que ela teria desejado receber de seu pai o presente que sua mãe tinha recusado. Logo depois, Dora lembra que o Sr. K. havia lhe oferecido um precioso porta-jóias. Reconstituindo essas cenas e após ouvir o sonho contado pela analisanda, Freud comunica à Dora que ela estaria pronta para retribuir ao Sr. K. o que sua mulher lhe recusa: o seu porta-jóias.

Freud garante que Dora não aceitou sua interpretação. Nota-se que a interpretação freudiana da expressão *caixa de jóias* como uma metáfora dos órgãos genitais femininos se colocou precocemente, antes de Dora atribuir uma função e falar o que pensava sobre seu significado. Tendo isso como relevância, podemos pensar que de acordo com as associações feitas por Dora, a caixa de jóias pode assinalar algo que representa o objeto de troca entre um homem e uma mulher.

Diante de sua questão sobre o que quer uma mulher, Dora se depara com o verdadeiro enigma que nesse momento é saber o que ela deveria dar em troca pelo presente, representativo do dom enquanto amor, oferecido pelo homem. Ela percebe que existe uma aceitação e também uma recusa; interroga como que algo pode satisfazer uma mulher e ao mesmo tempo ser recusado pela outra. Lacan afirma

A sra. K. se apresenta como algo que seu pai pode amar além dela mesma. Aquilo que Dora se apega é o que é amado por seu pai numa outra, na medida em que ela não sabe o que é.(...) E é na medida em que a sra. K. encarna a função feminina como tal que ela é, para Dora, a representação daquilo que esta se projeta como sendo a questão. (...) A sra. K. realiza aquilo que ela, Dora, não pode nem saber nem conhecer por essa situação em que não encontra onde se alojar. O que é amado num ser está para além daquilo que ele é, a saber, afinal de contas, o que lhe falta. (LACAN, 1956-57, p.144)

Freud comenta o segundo sonho de Dora, ocorrido algumas semanas depois do primeiro e pouco tempo antes de Dora interromper sua análise. A jovem descreve o sonho a Freud da seguinte maneira:

Eu caminhava a esmo por uma cidade desconhecida. As ruas e a praças me eram estranhas. Cheguei, então, a uma casa onde eu morava, fui para meu quarto e lá encontrei uma carta de mamãe. Esta dizia que, como eu saíra de casa sem o conhecimento de meus pais, ela não desejara escrever-me para contar que papai estava doente. “Agora ele está morto, e, se você quiser, pode voltar”. Dirigi-me então para estação [“Bahnhof”] e indaguei umas cem vezes: “Onde fica a estação?” E sempre me respondiam: “A cinco minutos daqui”. Vi então uma floresta espessa à minha frente, e nela penetrei, lá encontrando um homem a quem fiz a pergunta. Ele respondeu: “A duas horas e meia daqui”. Ele ofereceu-se para acompanhar-me. Mas recusei e continuei sozinha. Vi a estação à minha frente, mas não consegui alcançá-la. Ao mesmo tempo, tive a mesma sensação de ansiedade que se experimenta nos sonhos quando não se consegue mover. A seguir, estava em casa. Devo ter viajado neste meio tempo, mas nada me recorde quanto a isso. Entrei no alojamento do porteiro, e perguntei por nosso apartamento. A criada abriu a porta e respondeu que mamãe e os outros já estavam no cemitério [“Friedhof”]. (FREUD, 1905, p.91)

Este segundo sonho de Dora aponta mais diretamente para a questão da feminilidade, para o mistério encarnado pela figura da Sra. K., e mais ainda para o corpo feminino. A constituição do sonho, seguido pelas associações feitas por Dora a Freud, indica que todos os empregos de lugar no sonho tiveram relação com o corpo feminino, o que Freud chamou de uma “geografia simbólica do sexo”. (FREUD, 1905, p.96)

No sonho a figura da mulher aparece sob a representação da Madona, uma figura que como sabemos reúne algo inconciliável que é ser a virgem e a mãe. Dora se questiona sobre o segredo da virgem e através do fascínio sobre a imagem do quadro da Madona Sistina, como também pela presença da Sra. K., tenta desvendar o enigma da mulher.

No momento em que Dora se aproxima da questão sobre o feminino, não consegue mais avançar. Após o esquecimento, que para psicanálise é a própria censura, ela revela a Freud que se esqueceu de contar uma passagem do sonho em que havia subido as escadas até o seu quarto e pego para ler um livro localizado em sua escrivaninha. O livro abordava assuntos proibidos por se tratarem de assuntos sexuais. “Esta construção mostra claramente o mecanismo em dois tempos pelo qual o sujeito tenta preencher, sexualizando, a lacuna de representação do feminino. No lugar da lacuna vem uma explicação sexual que não é *censurada*, mas esquecida, ou seja, *recalcada*.” (ANDRÉ, 1986, p.153).

O enigma da feminilidade foi indicado por Freud desde o início de sua obra. Como já apresentamos aqui nesta dissertação, Freud, no texto *Três ensaios sobre a teoria da*

sexualidade (1905b), ao expor a dinâmica fálica, afirma que a menina até a época do complexo de Édipo se assemelha a um menino por acreditar que todos possuem o falo. Já em *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), descreve a reação das meninas ao perceber que os meninos possuíam algo que elas não tinham. A menina se sente inferior e se direciona ao pai desejando ter um filho, em substituição à falta do falo. Este movimento é o que vai desencadear a entrada no Complexo de Édipo feminino.

No texto *Sexualidade feminina* (1931), Freud aponta o desfecho do complexo de Édipo da menina como uma via para a feminilidade. Inicia o texto estabelecendo que tanto as mulheres quanto os homens possuem uma bissexualidade inata, sendo que as mulheres a revelam com maior clareza. Divide a vida sexual das mulheres em duas fases: a primeira com uma prioridade do caráter masculino e a segunda especificamente feminina. Deste modo, a feminilidade indica a superação pelo abandono da atividade pulsional característica do masculino e o retorno da posição passiva. Isto só é possível, se a menina conseguir trocar de objeto, ou seja, aceitar se desprender da mãe e se voltar para o pai.

Na conferência *A feminilidade* (1933), Freud aborda novamente a questão da bissexualidade ao assegurar que a constituição da masculinidade ou da feminilidade não tem a ver com a condição anatômica dos indivíduos. Não definimos masculino ou feminino pelas características biológicas. Freud determina a feminilidade por uma tendência aos fins passivos e ressalta que é necessário empregar uma grande quantidade de atividade para atingir fins passivos.

Atendo-se nas questões do feminino, Freud distingue três evoluções possíveis na vida da menina, derivadas da castração no período edípico. A partir da descoberta da castração, a primeira evolução seria a menina seguir a via neurótica da inibição sexual, a segunda, a via do que Freud chamou de complexo de masculinidade, e a terceira, finalmente, a feminilidade.

A primeira se caracteriza pelo abandono da sexualidade fálica e pela renúncia à satisfação masturbatória derivada do clitóris. O amor da menina estava direcionado a uma mãe fálica, ao perceber que a mãe é castrada repudia o seu amor por ela, e ao mesmo tempo, abandona as inclinações sexuais. Paralelamente ao abandono da masturbação, a menina renuncia a uma determinada soma da atividade. Predomina, neste momento, a passividade ao se dirigir ao pai. De acordo com Freud aqui já ocorre uma preparação para o caminho da feminilidade.

No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma

primeira equivalência simbólica. Não nos passou despercebido o fato de que a menina desejou um bebê anteriormente, na fase fálica não perturbada: este era, naturalmente, o significado de ela brincar com bonecas. Todavia esse brinquedo não era, de fato, expressão de sua feminilidade: serviu de identificação com sua mãe, com intenção de substituir a atividade pela passividade. (FREUD, 1933, p.158)

A segunda evolução à descoberta da castração feminina consiste no complexo de masculinidade. A menina se recusa a reconhecer a castração e acentua sua masculinidade. Ela se apega a atividade masturbatória e se refugia numa identificação com a mãe fálica ou com o pai. Neste caso, a menina evita a direção da passividade, a que abriria caminho rumo à feminilidade.

Na terceira evolução, a menina passa a desvalorizar a mãe castrada e caminhar em direção ao falo. Freud ao mencionar esta terceira evolução que levaria a feminilidade, assegura que existe em algumas mulheres uma repetição da alternância entre períodos em que ora a masculinidade, ora a feminilidade predominam. Denomina este fato de o “enigma da mulher” onde a derivação surge da bissexualidade na vida da feminina.

Lacan, no *Seminário livro 20 Mais, ainda* (1972-73), vai reinterpretar a noção freudiana de bissexualidade para reformular a diferença entre a posição feminina e masculina a respeito do sexo. Ao rever a abordagem freudiana de feminilidade como um enigma, situa o feminino e o masculino em seu quadro denominado de “fórmulas quânticas da sexuação” (LACAN, 1972-73, p.84). Difere as colunas do quadro da seguinte forma: na esquerda descreve a estrutura da posição dita masculina na sexualidade e na direita estabelece a posição dita feminina. É importante precisar que esta divisão não corresponde à diferença anatômica entre os sexos, mas a uma posição do sujeito no discurso. Ou seja, se trata de um fato que decorre da própria estrutura da linguagem.

FORMULAS QUÂNTICAS DA SEXUAÇÃO

HOMENS	MULHERES
$\exists x \quad \overline{\Phi x}$ $\forall x \quad \Phi x$	$\overline{\exists x} \quad \overline{\Phi x}$ $\overline{\forall x} \quad \Phi x$
S	$S(A)$
Φ	a
\mathcal{L}	

Define por matemas, o lado masculino e o feminino. A parte feminina corresponde ao que está para além do significante. Está relacionada ao real. A parte masculina corresponde ao que está associado ao simbólico e imaginário. É a parte regida pela norma fálica.

A diferença de posição ou de identificação sexuada só se institui nos falantes pela maneira na qual se inserem como sujeitos na função fálica. Lacan estabelece que todo ser falante se inscreve de um dos dois lados do quadro. Do lado masculino, há o sujeito barrado e o falo. A fórmula que define o conjunto dos homens, à esquerda na linha inferior do quadro, estabelece que para todo um homem exista a inscrição na norma fálica, exceto que essa função encontre seu limite e que exista ao *menos um* que não esteja submetido à norma fálica, demonstrado pela fórmula na linha superior do lado esquerdo do quadro.

Do lado direito do quadro, o lado feminino, não existe conjunto. Pela fórmula da posição feminina podemos dizer que não existe ao *menos um* que não esteja inscrito na função fálica. Para se constituir um conjunto necessita de uma exceção, do lado feminino não tem exceção. Assim, o que é típico do feminino não pode ser compartilhado, pois faz menção a uma experiência particular. Segundo Lacan, as mulheres só podem ser contadas uma a uma. Não há um traço identificatório que atrele as mulheres em um conjunto. Há algo em cada mulher que escapa ao registro fálico. Ela é *não - toda* inscrita na função fálica.

Lacan coloca o feminino, ao menos em parte, num mais além da função fálica como correlata a um Outro gozo que não aquele dito sexual. O gozo sexual faz limite por depender de um significante que irá introduzir essa dimensão do sexual no humano, ou seja, essa organização fálica.

Lacan propõe outra via para o impasse feminino ao afirmar em seu famoso e intrigante axioma que *A mulher não existe*. Isto significa dizer que não existe um significante que identifique e componha a classe das mulheres. Neste ponto, como nos diz Freud, o tornar-se mulher seria um mais adiante do resultado da operação de castração. Há algo nas mulheres que resiste à simbolização.

Retornando ao caso de Alice, as mulheres lhe provocam fascínio. Sabemos que as mudanças corporais e as determinações inconscientes, pulsionais e identificatórias da adolescência, convocam a jovem a tomar uma posição frente ao real do sexo. Alice ao se deparar com o sexo interroga sobre o feminino: O que é uma mulher? Como devo ser para me situar como uma mulher? O que quer uma mulher?

De acordo com Barros:

O tema sexual e tudo o que ele envolve, a própria sexualidade e a do outro, ganha na adolescência o papel principal. Em atos e pensamentos. (...) a mulher não nasce pronta, ela se torna mulher num intrincado processo de trocas, avanços e recuos em direção à construção de uma dita subjetividade feminina, que é uma maneira característica do sujeito se posicionar frente à questão da diferença entre os sexos. (BARROS, 1998, p.161)

O descrédito em sua mãe fez Alice sofrer a partir da falta por um significante de uma identidade feminina. Esta falta do Outro lhe trouxe um dano, o qual reativa o seu complexo de castração e lhe faz sentir ódio pela sua mãe. “Ela me irrita! Se ela soubesse o quanto ela me incomoda com as atitudes dela... e o pior é que ela não vai mudar!”, reclama Alice.

Como vimos com Lacan, a mãe de Alice não pode lhe fornecer esse traço que ela demanda para dar suporte a sua identidade feminina, pelo fato de que não existe o significante da identidade feminina. Ela poderia sim, lhe dar o mínimo para que sua filha construísse sua própria feminilidade a partir de um conjunto de identificações e escolhas. Alice precisava se deparar com essa falta radical no Outro, para reforçar os efeitos da sua castração.

Tudo o que a mãe pode fornecer como traço simbólico suporte da identificação é o falo. Quer ela o detenha- como a criança acredita de início – quer não detenha – como ela vai descobrir – isso implica em que ela remete sua filha a um marco que pode lhe significar, mas que não detém. Aí está sem dúvida a explicação radical ao fato de que a vida sexual feminina esteja de tal modo centrada no amor e na demanda do amor, ou seja, na demanda de fazer dar, pelo Outro, aquilo que ele não tem. A falta da mãe, com relação à filha, deve ser então vista como uma dupla falta: falta do significante de uma identidade feminina, por um lado, e falta do falo, por outro lado. (ANDRÉ, 1986, p.196)

Após a frustração, a adolescente situa uma figura como *A Mulher*, a elegendo como objeto do desejo. Em princípio a professora, depois a tia e por último a analista. Procurou estabelecer na transferência a pergunta sobre o feminino, ao encarnar na analista a figura do grande Outro na forma de *A Mulher*. Alice pergunta sobre o feminino através de questões e observações: “Adoro sua sobancelha! Pedi para a moça fazer em mim uma sobancelha igual a sua!”.

A analista evoca o amor da jovem o que causa na transferência uma vertente de resistência. Como já vimos, Alice afirma: “É que eu gosto tanto de você, eu gostaria tanto de poder ficar mais tempo com você, que eu não tenho conseguido falar sobre meus problemas. Penso em você a todo instante, mas sei que você é apenas minha analista.” O papel desempenhado pela resistência não é de criar esse amor, ele “encontra-se pronto, à mão, faz uso dele e agrava suas manifestações” (FREUD, 1915, p.218). O fascínio pela mulher a

paralisa ao ponto de cessar sua fala. A adolescente, como Dora, demanda amor através da pergunta sobre o feminino.

Por outra vertente, para Alice se posicionar como mulher e obter a resposta sobre sua própria feminilidade, algo precisava ser elaborado na relação com o pai, com a função paterna. A adolescente ainda não possuía condições para tomar tal decisão. Busca seu pai de uma forma incessante. Seu olhar para os homens – tanto para o pai, quanto para o irmão e posteriormente, para o namorado – é de plena admiração. Alice ainda estava, claramente, colocando seu pai em um lugar idealizado. “Meu pai lê muitos livros e estimula a leitura na gente. Isso que um pai deve fazer... ele realmente é o máximo!”, declara Alice.

Podemos pensar que ela ainda precisava crer nesta figura ideal para tentar adiar o encontro com o real do sexo, tão temido e ao mesmo tempo desejado pelos adolescentes. O pai de Alice ainda não estava em falta como é necessário na adolescência para o sujeito sozinho buscar o trilha do seu desejo. Ela ainda estava aprisionada nos significantes do campo do Outro, não conseguindo se separar para encontrar a falta necessária para a emergência do seu próprio desejo.

2.3 A transferência e a pergunta sobre o masculino

Renato tem quinze anos. Sua família é composta por seu irmão gêmeo Ricardo, seu pai João e sua mãe Rose. O seu irmão estava em atendimento há aproximadamente um ano e meio com uma psicanalista da equipe do *Proadolesc*, e a família também estava sendo atendida no mesmo período por uma terapeuta de família da equipe.

Inicialmente, a família toda comparecia às sessões. Logo na terceira sessão, Renato, que permaneceu calado durante as sessões anteriores, falou para sua mãe que não queria mais comparecer. Diante disto, após algumas entrevistas, a equipe decide que Ricardo seria atendido separadamente de seus pais. A terapeuta de família passou a atender o casal e Ricardo passou a ser atendido por uma psicanalista da equipe.

Esta decisão foi tomada após algumas sessões de terapia de família com o casal e o filho Ricardo por acreditar que seria mais importante para o adolescente ser atendido individualmente. Como também por apostar na terapia de família com o casal a fim de promover uma escuta entre os membros da família.

Nas entrevistas iniciais⁷, Rose conta que três semanas depois da descoberta de sua gravidez, seu marido sofreu um acidente em casa e teve traumatismo craniano, permanecendo no hospital por um mês. Ela comenta: “Ele caiu da escada. Depois disso, ficou meio bobo.” Após o acidente, João não pôde mais trabalhar por ter ficado com um quadro clínico demencial devido à queda sofrida. Rose teve uma gravidez complicada, pois além de ter que cuidar do marido com sequelas do acidente, também passava por dificuldades financeiras. Diz que os filhos gêmeos nasceram muito bem; em contrapartida, seu marido certifica: “Muito bem: um com o pé torto e o outro com fimose e hérnia!”. Rose esclarece que Ricardo nasceu com o pé para trás ficando com uma dificuldade ao caminhar. Renato teve hérnia e operou aos cinco anos.

Rose descreve que o desenvolvimento dos filhos foi normal, mas na ocasião ela estava procurando atendimento porque eles estavam trancados em casa há três anos, sem querer sair. Eles não falavam com ninguém e apenas se alimentavam com comida pastosa, ou seja, não mastigavam.

Na 5^a série, Renato e Ricardo resolveram que não queriam mais estudar juntos. Pediram para a mãe fazer matrículas em turnos diferentes na escola. “Eles têm vergonha porque todo mundo fica chamando os dois de gêmeos dos dentões”, afirma Rose.

Logo em seguida, os meninos resolveram que não queriam mais estudar e assim permaneceram no quarto durante três anos, jogando videogame e vendo televisão. “Eu não podia obrigá-los, eu até implorei, mas não adiantou”, argumenta a mãe. Ela prossegue contando que seus filhos vivem calados no quarto e, quando entra alguém em sua casa, eles se escondem embaixo da cama. “Ficam dias trancados naquele quarto e eu não consigo convencê-los a saírem”.

Após um ano e dez meses de atendimento individual de Ricardo e atendimento familiar, Renato vem ao ambulatório com sua mãe afirmando que gostaria de ser atendido. Na terapia de família, ele comunica que gostaria de ser atendido individualmente e não queria participar das sessões de família. Na reunião da equipe do *Proadolesc*, fica decidido que eu começaria atendê-lo.

No mesmo dia, a terapeuta de família me apresenta a Renato. Eu o convido para entrar na sala e ele logo me diz que quer ser atendido sozinho e “nunca com ela”. Pergunto de quem ele estava falando e ele responde que de sua mãe. Nesta primeira entrevista Renato fala dos jogos de videogame e me conta como esses jogos são: “Os jogos de luta têm vários golpes

⁷ Esses dados foram colhidos no prontuário do paciente, com a autorização dos profissionais que atenderam este caso.

como esfaquear o corpo todo e colocar em pedaços, arrancar a cabeça do homem e rasgar a mulher toda.” Ao ser perguntado como eram os bailes *funk* que ele mencionava gostar de ir, afirma: “Lá tem caixas de som, ficam os participantes da facção de um lado e do outro lado os PMs armados. Eles usam muitas metralhadoras para, se a chapa esquentar, o bicho pegar solto! Se o bicho pegar, vão decepar as cabeças de todos.”

Renato passa o resto da entrevista cantando *funk* e garantindo que “quando a chapa esquentar será tiro para todos os lados”. No final, Renato me pergunta se eu estava acreditando no que ele estava me falando, pois “vem aqui um menino cantando *funk*, fala do movimento, fala que mora na favela, diz que vai ao *funk*, que gosta de ver o bicho pegar solto e que não usa drogas, e você acredita?”. Digo que estava acreditando no que ele me contava.

Em seguida, com uma voz mais exaltada, Renato grita: “Ela não acredita!” Quando indagado, diz que sua mãe não acredita nele e me pede para não contar nada a ninguém. Afirmo que não contaria e pergunto o que ele achava de conversarmos uma vez por semana. Ele diz que quer. Assim, marcamos a próxima entrevista.

Respeitando o desejo do paciente, começo a atendê-lo sem agendar encontros com os pais, como de costume em atendimento de adolescentes. Esta decisão não foi fácil de ser tomada e a meu ver, só foi possível porque a terapeuta de família estava atendendo os pais do adolescente. Rose, mãe de Renato, ao aguardar a terapia de família na sala de espera do ambulatório, me acompanhava com seu olhar. Olhava para mim, sorria e nitidamente expressava querer falar algo. Penso que mesmo com esse movimento tão importante da mãe de querer falar sobre seu filho, respeitar o desejo de Renato era a condição para que a relação transferencial se estabelecesse e pudéssemos realizar um trabalho analítico. Deste modo, sustentei, junto com a equipe, que não iria conversar com os pais do adolescente.

No início dos atendimentos com Renato, as sessões eram marcadas pelas constantes histórias sobre o tráfico, sobre a vida de um traficante e a rotina da comunidade em que ele morava. “Os traficantes são fortes porque usam pistola. Cada peça enorme e potente. Dá gosto em ver!”, destaca o jovem.

Passava algumas sessões cantando os *funks* que mais gostava e descrevendo como eram os bailes, ressaltando, na maioria das vezes, que sua mãe não gostava de sua cantoria. Ao cantar, ele demonstrava agressividade em seu tom de voz como também nos seus gestos, ritmando o *funk*. Tentava me impressionar com as letras das músicas repletas de significantes de morte. Com um olhar voltado sempre para mim, aguardava a alguma reação.

A minha posição no lugar de sua analista era de uma escuta serena, onde após as sessões, eu me interrogava sobre o que esse jovem estava querendo me dizer ao cantar as

músicas e gesticular de maneira tão agressiva. O que significava aquele comportamento tão combativo diante da figura da analista?

Após oito meses de atendimento, numa sessão, Renato questiona suas falas: “Eu só falo dessas coisas do tráfico, de assassinato, de morte e você fica aí me ouvindo. (*Silêncio.*) Eu só falo disso porque é a única coisa que sei falar, pois parei de estudar e quando abro a porta de casa só vejo armas e traficante. Não tenho outra coisa para falar, essa é a minha vida.” Digo que estaria ali para ouvir o que ele desejasse me falar. Renato silencia e, um pouco depois, me diz que quer tentar voltar para a escola.

No mesmo semestre, o adolescente volta a estudar. Com isso, as sessões passam a ser marcadas pelos acontecimentos da vida escolar, junto com os episódios que envolviam a rotina da comunidade de uma forma diferente. Ele não falava mais com um tom agressivo e parecia não mais desejar me intimidar com sua possível violência. De vez em quando me avisava: “Eu posso estudar ou ser traficante. Você sabia disso?”. “Essa escolha é igual uma passarela. Para você atravessar a rua, você pode andar mais um pouco e atravessar na passarela. Vai ser mais demorado, no entanto vai ser seguro. Ou você pode atravessar pela rua sendo mais rápido, só que a qualquer momento pode vir um carro, te pegar e acabar com tudo!”, explica Renato.

Em outra sessão repete esse mesmo aviso e questiona: “Se eu virar traficante, você irá continuar me atendendo?”. Digo que sim. Na sessão seguinte, ele, ao chegar, me diz: “Se eu resolver virar traficante e descer para o asfalto e for assaltar os *playboys*... pode ficar tranquila, pois eu não vou te assaltar”.

Renato começa a sair para ir à praia alegando que cumpria “uma promessa” para ele mesmo: “Não quero mais passar minha vida trancado em casa”. Começa a fazer amigos na escola e resolve também, se aproximar do pai. Passa a combinar um passeio semanal à igreja a qual o pai frequenta. Menciona a sua dificuldade em ter um pai que não pode lhe explicar as coisas da vida, mas afirma que ir à igreja com ele é engraçado, uma vez que “ele é doente mental, ele grita e fala tudo o que quer! É muito bom”.

Ao falar sobre a mãe, o adolescente demonstra raiva. Diz que sua mãe não gosta dele e de seu irmão, e que, quando eram crianças, ela não os deixava brincar como crianças. Comenta que sua mãe já lhe bateu muito, e que também batia e mandava em seu pai. “Ele, por ser doente, faz tudo o que ela quer.” Lembra que, como nunca gostou de ser chamado de gêmeo, sempre pedia para não estudar na mesma escola que seu irmão, mas sua mãe sempre os colocava na mesma escola. “Ela não liga para a gente, só faz tudo por obrigação! Agora eu não peço mais nada a ela. Fui fazer minha carteira de identidade sozinho!”

Certo dia, a terapeuta de família me telefona avisando que ocorreu um acidente com o pai de Renato. João, ao atravessar a rua, foi atropelado por um ônibus e faleceu. Comenta que a vizinha de Rose telefonou para contar sobre o acidente, ressaltando que Rose, Renato e Ricardo estavam em casa, muito abalados com o acontecido. Telefone para a vizinha e peça para avisar a Renato que eu estaria o aguardando para a sessão no horário marcado.

Nessa sessão, Renato começa falando sobre o acidente que matou seu pai e, em seguida, fala sobre a sua relação com ele. Diz que seu pai catava lata na rua, colocando-as na janela de seu quarto. Na semana anterior ao acidente, João havia catado muitas latas, garantindo que iria vender tudo e que ganharia muito dinheiro, podendo assim dividir o montante entre sua esposa e seus dois filhos. Renato explica que no início, isso lhe incomodava, pois tinha vergonha de seu pai sair catando latas pelas ruas, mas depois começou a entender que era o que ele podia fazer devido a sua doença. Chorando muito, Renato conta que, no dia seguinte à morte de seu pai, pegou as latinhas e as vendeu. Com o dinheiro, comprou uma flor grande e a colocou sobre o túmulo do pai.

O adolescente afirma que tem muitas lembranças ruins de seu pai, mas que o perdoa por tudo o que ele fez. Lembra que, quando ele tinha seis anos de idade, seu pai “abusou sexualmente” dele e de Ricardo. “Ele fez sexo oral com a gente, mas eu o perdoei, pois eu sei que ele fez sem maldade. Ele era doente! Eu o desculpo também por nunca ter sido um pai para mim. Ele não podia ser pai. Ele era doente.”

Continua falando que, no início da sua adolescência, quando os pêlos do seu corpo começaram a crescer, seu pai ficava gritando que devia ser uma doença grave, pois seus filhos só tinham seis anos de idade. “Eu queria saber o que estava acontecendo com meu corpo, o que era aquilo que estava crescendo em mim, mas não tinha um pai para perguntar”. Renato muito emocionado complementa após um longo silêncio: “Minha mãe sempre nos diz que ele não era assim... Ele era um homem forte e seu comportamento mudou após o acidente. Eles eram felizes.” Renato afirma ter maltratado muito o seu pai, pois não conseguia ter paciência com ele e acabava sentindo raiva. “Eu o xingava muito”.

Na sessão seguinte, Renato me conta que começou a trabalhar no bar de sua tia. Explica que agora irá estudar pela manhã, trabalhar à tarde e iniciar o curso de inglês, como havia me contado, à noite. Fala das mudanças que isso lhe trará e de como quer guardar dinheiro para comprar o que sempre desejou e não podia ter. “Vou comprar o meu sonho de criança: um *Playstation!*”

Após a morte de seu pai, ocorreram algumas transformações na vida de Renato. Ele começou a buscar um lugar próprio, diferente do lugar de *gêmeo*, onde pudesse se manifestar

como sujeito em busca dos seus desejos. Continuou reconstruindo seus laços sociais de maneira mais intensa e começou a questionar-se sobre seu futuro como adulto. “Eu tenho duas saídas na vida: eu posso servir o exército, trabalhar muito e ser um pai de família, ou ser um traficante. Sendo um traficante, eu vou ter muito dinheiro, mas minha vida vai ser curta. Sendo um pai de família, eu vou ter que ralar muito”.

Renato concluiu o período de serviço militar no exército, começou a trabalhar em um hotel e atualmente mora em outra comunidade. Depois de ter conseguido juntar dinheiro comprou seu “próprio barraco”. “Agora moro eu e meu cachorro! Eu me apeguei a ele! Gosto muito dele, moramos nós dois juntos!”, afirma Renato com um sorriso no rosto.

O jovem mesmo não morando mais com seu irmão o ajuda pagando cursos técnicos para ele conseguir um bom emprego. Menciona que antes queria que sua mãe “sumisse” de sua vida, mas agora, morando longe dela, sente vontade de visitá-la, pois “afinal de contas ela é minha mãe”.

Como Alice, Renato, de uma forma diferente, também se encontra no período tumultuado da adolescência. Sabemos que neste período os modelos identificatórios se afrouxam, o que costuma trazer inúmeros efeitos para os jovens, principalmente na esfera da identificação sexual.

Retornando ao texto e ao desenvolvimento, já exposto nesta dissertação, proposto por Lacan, *O estádio do espelho como formador da função do eu* (1949), a constituição do eu se faz a partir da imagem especular. O acesso à unidade corporal se faz a partir da imagem refletida no espelho. É o momento em que a criança se constitui em um eu diferenciado da mãe. A imagem unificada do próprio corpo produz na criança uma ilusão de domínio que a deixa em intenso contentamento. O eu é descrito por Lacan como uma construção imaginária, embora necessite também do reconhecimento simbólico do Outro. Para assumir a imagem refletida no espelho, a criança necessita da garantia do olhar materno. Podemos estabelecer uma diferenciação ao afirmar que a identificação imaginária tende a um preenchimento, enquanto que a simbólica demarca o lugar da falta. Assim, se abre caminho para as identificações, isto é, o sujeito se insere na gama de identificações possíveis.

Na adolescência os processos identificatórios são restabelecidos. Neste período ocorre a validação ou a vacilação do que a passagem pelo estádio do espelho ofereceu ao sujeito, reatualizando a partir da inclusão do outro sexo. Como já foi visto o jovem também reatualiza as questões do período do Complexo de Édipo. Avança pela adolescência oscilando entre o afrouxamento das imagens infantis e a busca de novas identificações.

Nos meninos, o Complexo de Édipo possui uma orientação dupla, ativa e passiva, de acordo com a questão da bissexualidade constituinte do sexo masculino. Ele se desloca da mãe para o pai com medo da castração e também por desejar tomar o lugar de sua mãe como objeto de amor de seu pai. Assim, o menino sai da fase edípica reconhecendo a falta do pênis nas mulheres, especialmente na mãe, e assumindo o risco de também perder o seu órgão. Identifica-se com o pai a fim de tomar as significâncias fálicas que este o detém. A masculinidade será resultado dessa inscrição subjetiva da castração.

Lacan, a partir da releitura da teoria freudiana do complexo de castração e do dilema edípico, articula o conceito de metáfora paterna com o objetivo de estabelecer a função do pai no processo de simbolização do sujeito. A função paterna instaura a lei simbólica. É apenas no segundo tempo da trama edípica que o pai entra na relação para interditar a mãe. Essa função o situa em um registro real, o que faz com que retorne para seu filho ao nível imaginário, o pai é percebido como uma figura terrível que irá privá-lo da mãe. O pai se situa como agente da castração. A relação entre menino e o pai é dominada pelo medo da castração.

No momento seguinte, o pai aparece como pai idealizado pelo menino, pois ele possui algo que seu filho também deseja. O menino se identifica ao pai desejando ter o que este possui. Lacan ressalta no *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-58) que a função do pai só se realiza se for mediada pela palavra da mãe, ou seja, a mãe precisa apontar para esse pai, para assim ele poder realizar a função paterna.

O pai é, no Outro, o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei. Ele se coloca, por assim dizer, acima desta. O pai acha-se numa posição metafórica, na medida e unicamente na medida em que a mãe faz dele aquele que sanciona, por sua presença, a existência como tal do lugar da lei. (LACAN, 1957-58, p.202)

Voltando para o caso de Renato, devido ao acidente acontecido antes de seu nascimento, seu pai, que se encontrava em estado de demência, não pôde ocupar o lugar de um pai, mas talvez de um irmão. A função paterna instaurada só foi possível através da fala e do apontamento da mãe de Renato para o pai, pois nitidamente não existia mais um casal entre Rose e João. Não existia um pai privador da mãe. Rose não tinha o olhar voltado para João com objeto do seu desejo. Assim, o adolescente convoca no lugar do pai, a fala de sua mãe. “Minha mãe sempre nos diz que ele não era assim... Ele era um homem forte e seu comportamento mudou após o acidente. Eles eram felizes.”. Renato idealiza esse pai que ele nunca conheceu, a não ser em sua imaginação.

Além da complicada identificação ao pai forte de antes, através da fala da mãe, Renato também tenta buscar uma identificação com a figura do *traficante* a fim de escapar da dificuldade de construir sua própria imagem enquanto homem. Em sua juventude, busca no outro respostas para a mudança corporal tendo em vista que seu pai não foi capaz de lhe explicar. A marca da masculinidade via identificação com uma figura masculina, comumente com a do pai, e o deslocamento do objeto materno, se faz através das figuras que ele nomeia serem figuras fortes.

O adolescente falava de sua mãe com muita raiva. Penso que existia um misto de amor e ódio dificultando as tentativas de se separar da mãe. Renato estava entre a alienação e separação, onde a vertente do apelo à mãe lhe trazia ódio na proporção em que ela não se solidarizava. A mãe que “não fazia nada” por ele. É a falta de esse olhar da mãe no evidente apelo que lhe deixava trancado em casa comendo apenas comida pastosa. De acordo com Alberti, “o adolescente é esse sujeito que escolhe sustentado na alienação ao Outro, mas inscrevendo, na relação com o Outro, a vertente da separação” (ALBERTI, 2010, p.65).

Destacando a questão transferencial presente neste caso, percebo que a transferência se estabelece no suporte que a analista faz para Renato constituir sua imagem. A agressividade aqui aparece não como resistência à análise, mas sim como engate ao processo analítico.

A relação transferencial foi se modificando ao longo do tratamento. No primeiro momento o adolescente era extremamente agressivo e ameaçador. Ao olhar firmemente para a analista tentava lhe colocar medo. Isso foi se transformando no decorrer do tratamento na medida em que foi sendo criado um espaço para esse jovem se edificar como sujeito. Podemos notar o início da mudança quando ele afirma que não assaltará a analista, caso ele venha virar traficante. Como também, quando ele investiga se a analista ainda o escutará se ele revolver ser um traficante.

Este caso clínico traz de início uma relação transferencial com muita agressividade, a qual não inibiu o andamento do trabalho analítico, mas foi a possibilidade para o trabalho acontecer. Após um período, podemos dizer que a relação transferencial de agressividade foi se modificando para uma relação de transferência amorosa. O adolescente passa a eleger a analista como alguém que lhe escuta e acolhe. “Querida vir aqui logo, porque você, que faz parte desta ciência, consegue me escutar e me ajudar.”

Renato, para constituir sua imagem corporal, precisou de uma capa narcísica agressiva. O adolescente forja uma virilidade através do comportamento hostil diante da figura da analista para poder se firmar como sujeito. O encontro com a analista, a partir da relação transferencial, proporcionou que Renato respondesse as perguntas sobre o seu ser, tão

comum na adolescência: quem sou eu? Como um homem deve se posicionar diante de uma mulher?

Por algumas vezes, Renato dizia não poder falar sobre o que pensava devido ao fato de estar diante de uma mulher - a analista. “O que eu quero dizer não pode ser para você... Você é uma mulher!” garantia o adolescente. Após um longo período em análise, Renato começa a falar sobre as questões que envolviam a sua masculinidade. Questionava como “ficar” com mulheres e o que dizer para elas. Contava sobre o desejo ter uma namorada e no futuro, uma família. “Não quero qualquer mulher. Para ser mãe dos meus filhos, a mulher tem que ser direita”.

Depois da morte do seu pai, Renato se vê levado a construir sua própria vida. Começa a trabalhar, faz sua carteira de identidade e todos os outros documentos necessários para uma vida adulta. Assume o lugar de um homem que trabalha e ajuda financeiramente a família. Um pouco mais tarde, compra sua casa independente de sua mãe e inicia seu projeto de construir a sua própria família. Seu irmão gêmeo passa a ser seu irmão menor na medida em que Renato passa a pagar cursos e “ensiná-lo” o mundo fora do quarto.

CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação apresentei algumas questões sobre transferência, da posição do analista e da adolescência, a partir da psicanálise, a fim de traçar a importância da relação transferencial na clínica com adolescentes.

Apesar de essa clínica levar a uma amplitude de assuntos e gerar inúmeros desdobramentos, traço aqui, a título de conclusão, alguns pontos a que chegamos a partir da reflexão que guiou esta dissertação.

A adolescência é marcada pela passagem da fase infantil para a vida adulta. Ela traz para o jovem, ainda imaturo, a novidade de um período no qual ele não sabe ao certo onde se situar e o que fazer para atravessá-lo. A meu ver, não se pode abalizar a adolescência simplesmente por um período etário. É um momento que ultrapassa a ordem cronológica do tempo.

O adolescer é um marco na existência de um sujeito, no qual são definidas questões importantes em sua vida. Tanto o menino quanto a menina, através de um tortuoso processo de separação dos pais, evocam neste período um sujeito sexuado e desejante. É o momento em que esse encontro com o sexo começa a delinear a sua constituição como adulto. Isto implica num movimento de alienação a um outro lugar. Ou seja, é preciso fazer um desligamento, para em seguida fazer uma nova ligação, utilizando sua experiência infantil. Há um saber que resta dessa experiência, o que possibilita ao jovem reconstituir seu novo corpo e se afirmar subjetivamente.

Na infância, a produção e as formações psíquicas estão ancoradas nos pais. Na adolescência, o jovem precisará evocar a lembrança infantil e, na medida em que é convocado pelo social, se afirmar, sem o aporte familiar, em uma posição subjetiva na tomada de palavra. Neste movimento o adolescente irá tentar garantir seu posicionamento como sujeito adulto. No entanto, vimos que esta não é uma travessia simples, muito pelo contrário, é uma travessia que suscita inúmeras perguntas e dúvidas para esses adolescentes.

Diante desta tão delicada passagem da vida, a relação transferencial do jovem em análise se torna ainda mais complicada. Em um período de separação, fazer uma ligação gera, na maioria das vezes, uma oscilação entre uma intensa ligação ou uma dificuldade em se vincular. O adolescente pode fazer uma transferência maciça com o analista ou não conseguir estabelecer nenhum laço. Conforme foi exposto aqui nesta dissertação a partir dos fragmentos

de casos clínicos, isso vai depender também da história de vida de cada sujeito e de como as reatualizações vão se dar na transferência.

A relação transferencial é a base do tratamento psicanalítico. O amor de transferência é o que possibilita fazer a ligação necessária para acontecer o processo de análise. A ilusão do amor é o que permite que o sujeito se submeta ao desejo do analista direcionando para ele um saber e assim, podendo se defrontar mais tarde com seu próprio desejo. “O engano do princípio da análise, o engano do amor de transferência, portanto, tem esse sentido: enganar um sujeito para levá-lo em direção ao verdadeiro”. (RABINOVICH, 2000, p.23)

Na articulação do acolhimento da demanda de amor com a forma como essa demanda será encaminhada e tratada, o analista exerce sua função. O desejo do analista é o desejo de que haja análise. Para exercer sua função, o analista precisa se esvaziar dos seus desejos e se oferecer como objeto para o analisando. Através da transferência o analista faz semblante de objeto *a*, conduzindo o sujeito a operar com o desejo.

A posição do psicanalista na clínica com adolescentes é atravessada pelo fato do jovem estar enfrentando um novo mundo que lhe exige. Ele demanda do analista que não se situe do lado dos pais que lhe ordenam, como também, que não se coloque numa posição somente de silêncio. “Você é minha analista, não pode concordar com que os meus pais estão falando!” protesta uma adolescente.

Por se tratar de um momento em que o sujeito adolescente está em dificuldade de se afirmar, vivenciando sentimentos conflitantes e com a árdua tarefa de tomar uma decisão de se lançar na sociedade, os conflitos envolvem em grande parte membros de sua família. Assim a transferência, na análise de adolescentes, também passa pelos pais, o que, por muitas vezes, é o que possibilita o trabalho com o jovem. Esta clínica exige a intervenção com a família a fim de dar voz tanto aos pais quanto ao próprio adolescente. A maioria dos jovens chega através de sua família.

As famílias também estão vivendo um momento delicado, por se encontrarem cada vez mais desprovidas de instrumentos para entender seus filhos. Muitos pais procuram o analista de seus filhos afirmando não saber lidar com esse período da adolescência. “Não sei mais o que fazer. De um dia para noite, não sei mais conduzir a relação com a minha filha”, desabafa a mãe de uma jovem de 17 anos.

Cabe ao psicanalista priorizar a escuta ao adolescente de modo que esse jovem possa construir sua demanda diferente das dos seus pais. Entretanto, na clínica com adolescentes, é de extrema importância ouvir os pais. A condição para que o adolescente prossiga no caminho da análise é que o analista não desconheça a demanda dos pais, mas maneje, dando suporte

para que o analisando possa construir sua própria demanda. E assim, traçar um percurso de análise.

A construção em análise é feita junto com esses jovens a partir da proposta da criação de um lugar onde eles possam suportar a solidão do desligamento dos pais e abrir caminho para descobrir e firmar novas ligações.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009.

_____. *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

ANDRÉ, S. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BACKES, C. A reconstituição do espelho. In: COSTA, Ana, BACKES, Carmem, RILHO, Valéria LOFRANO de Oliveira, Luis Fernando. (Org.) *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 29-41.

BARROS, R. M. A adolescência e o tornar-se mulher. In: FARIAS, Francisco R. de; DUPRET, Leila (Org.). *A pesquisa nas ciências do sujeito*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.p.157-181.

CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2009.

CORSO, D. Édipo, latência e puberdade: a construção da adolescência. In: COSTA, Ana, BACKES, Carmem, RILHO, Valéria LOFRANO de Oliveira, Luis Fernando. (Org.) *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p.131-145.

COSTA, A. A transicionalidade na adolescência. In: COSTA, Ana, BACKES, Carmem, RILHO, Valéria LOFRANO de Oliveira, Luis Fernando. (Org.) *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p.165-193.

FERREIRA, N. *A teoria do amor na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria (1893-95). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 13-90.

_____. A interpretação dos sonhos (1900). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 4 e 5. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905a). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 1-119.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905b). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 123-252.

_____. Sobre a psicoterapia (1905c). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1972. p. 263-278.

_____. A dinâmica da transferência (1912a). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 131-143.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912b). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 147-159.

_____. Sobre o início do tratamento (1913). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.12. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 162-187.

_____. Recordar, repetir e elaborar (1914). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 162-187.

_____. Observações sobre o amor transferencial (1915). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.12. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 204-221.

_____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-17). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.16. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 503-539.

_____. Bate-se em uma criança. Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.17. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 225-253.

_____. Além do princípio do prazer (1920). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.18. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 12-85.

_____. Dissolução do complexo de Édipo (1924). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 214-224.

_____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.19. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 303-320.

_____. Inibições, sintomas e angústia (1926). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.20. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 94-198.

_____. Sexualidade feminina (1931). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.21. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 257-279.

_____. Conferência XXXIII: Feminilidade (1933). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.22. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 139-165.

_____. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v.23. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 239-287.

GIONGO, A. L. Diga-me com quem andas. In: COSTA, Ana, BACKES, Carmem, RILHO, Valéria LOFRANO de Oliveira, Luis Fernando. (Org.) *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 89-99.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan, v.1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

KAUFMANN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 548.

KESSLER, C. H. A encruzilhada adolescente: entre os ideais e a identificação. In: COSTA, Ana, BACKES, Carmem, RILHO, Valéria LOFRANO de Oliveira, Luis Fernando. (Org.) *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 101-119.

LACAN, J. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud (1953-54)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

_____ *O seminário, livro 4: a relação de objeto. (1956-57)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____ *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-58)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____ *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise (1959-60)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____ *O seminário, livro 8: a transferência (1960-61)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

_____ *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

_____ *Seminário livro 14: a lógica da fantasia (1966-67)*. Traduzido pelo Centro de Estudos Freudianos de Recife: 2008. Não publicado.

_____ *O seminário, livro 20: mais, ainda (1972-73)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____ A agressividade em psicanálise (1948). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 104-126.

_____ O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

_____ Intervenção sobre a transferência (1951). In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 214-225.

_____ Proposição de 9 de outubro de 1967 (1967). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 243-264.

_____ Prefácio a O despertar da primavera (1974). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 557-559.

MANNONI, O. A adolescência é analisável? In: *A crise de adolescência: debates entre psicanalistas e antropólogos, escritores, historiadores, lógicos, psiquiatras, pedagogos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999. p. 17-30.

MAURANO, D. *A transferência: uma viagem rumo ao continente negro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

MEES, L. O trauma infantil e o adolescente. In: COSTA, Ana, BACKES, Carmem, RILHO, Valéria LOFRANO de Oliveira, Luis Fernando. (Org.) *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p.20-27.

MELMAN, C. Os adolescentes estão sempre confrontados ao Minotauro. In:_____. *Adolescência: entre o passado e o futuro*. Associação psicanalítica de porto Alegre. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997. p.29.

_____. O que é um adolescente? In:_____. *O adolescente e a modernidade*. Congresso Internacional de psicanálise e suas Conexões. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. T. 2, p.21.

NOBRE, L. Há na lista desejo. *O desejo do analista*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 30/31, p. 77-82, 2003.

OLIVEIRA, L. F. A representação e a afirmação subjetiva: a passagem da pulsão pela língua na adolescência. In: COSTA, Ana, BACKES, Carmem, RILHO, Valéria LOFRANO de Oliveira, Luis Fernando. (Org.) *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p.73-87.

POLI, M. C. Clínica da adolescência - sobre papa (I) gaios: o objeto no lugar do traço. In: COSTA, Ana, BACKES, Carmem, RILHO, Valéria LOFRANO de Oliveira, Luis Fernando. (Org.) *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p.121-127.

_____. *Feminino/ Masculino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar , 2007.

POMMIER, G. *A ordem sexual: perversão, desejo e gozo*. Tradução: Vera Ribeiro; Revisão: Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

RABINOVICH, D. *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

_____. O desejo do psicanalista e o luto. *O desejo do analista*, Rio de Janeiro, Ano 22, n. 30/31, p. 121-124, 2003.

RASSIAL, J. *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

RUFFINO, R. Transtorno da oralidade na adolescência. In: COSTA, Ana, BACKES, Carmem, RILHO, Valéria LOFRANO de Oliveira, Luis Fernando. (Org.) *Adolescência e experiência de borda*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p.43-63.

SAGGESE, E. *Adolescência e psicose: transformações sociais e os desafios da clínica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

WEDEKIND, F. *O despertar da primavera*. (1891). Tradução de Sheila Ewert. Desvendando teatro. Disponível em: < www.teatrosemcortinas.ia.unesp.br >. Acesso em: dezembro de 2012.